



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ANTROPOLOGIA

**“Quando é da família, é melhor!”: família e casamento entre
cearenses em Santarém-Pará**

KEILA DE SOUSA AGUIAR

BELÉM – PARÁ
Agosto/2009

KEILA DE SOUSA AGUIAR

**“Quando é da família, é melhor!”: família e casamento entre
cearenses em Santarém-Pará**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), área de concentração em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. CRISTINA DONZA CANCELA

BELÉM – PARÁ
Agosto/2009

KEILA DE SOUSA AGUIAR

**“Quando é da família, é melhor!”: família e casamento entre
cearenses em Santarém-Pará**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), área de concentração em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dra. CRISTINA DONZA CANCELA

Banca Examinadora:

BELÉM – PARÁ
Agosto/2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Aguiar, Keila de Sousa

“Quando é da família, é melhor!”: família e casamento entre cearenses em Santarém-Pará / Keila de Sousa Aguiar; orientadora, Cristina Donza Cancela. - 2009

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2009.

1. Migração interna - Aspectos sociais - Santarém (PA). 2. Migração interna - Amazônia. 3. Casamento. 4. Família. 5. Interação social. I. Título.

CDD - 22. ed. 304.8098115

Dedico este trabalho a Heitor que se foi antes
mesmo de chegar.

Ser do Ceará é mais do que nascer no Ceará, é conseguir reconhecer, à distância, uma cabecinha redonda, um sotaque cantado, uma orelha de abano, um jeito maroto de encarar a vida.

Ser do Ceará é saber a estação certa de colher um sapoti, conhecer os vários tipos de manga e nunca comprar ata verde demais; é dar sabor a um baião de dois com queijo coalho.

Ser do Ceará é gostar de cocada, de suco de tamarindo, de siriguela vermelha, de água de coco docinha.

Ser do Ceará é engolir o final dos diminutivos - cafezinho vira *cafezim*; Antônio vira *Toim*; bonzinho vira *bonzim*. Lá se fala *aperreio* na hora do sufoco; o apressado é *avexado*; o triste fica de *lundu*; quem cria problemas, *bota boneco*.

Ser do Ceará é morar onde os muros são baixos; quer dizer, lá todo mundo sabe dos outros. A melhor conversa entre cearense é fofocar sobre a vida alheia

(...)

Ser do Ceará é aprender a dormir de rede, a gostar do cheiro de lençol limpo, a tomar banho frio, a valorizar a brisa do mar. Lá o perfume de sabonete tem outro valor.

Ser do Ceará é lidar com umidade, com camisas molhadas de suor, com mofo, com moscas aos milhões, com muriçocas impertinentes, com baratas avantajadas, com viroses brabas, com desidratações súbitas.

Lá os fracos morrem rapidamente; o darwinismo com sua teoria da sobrevivência dos mais fortes se prova com facilidade. No Ceará nuvens negras são prenúncio de bom tempo e relâmpago, uma bênção. Em dia chuvoso ninguém gosta de sair de casa.

Ser do Ceará é rir por tudo. E tudo vira piada; lá sobra humor até para vaiar o sol quando interrompe a chuva.

Os cearenses são antes de tudo uns fortes; ao mesmo tempo deliciosamente bons e perversamente maus. Lá é terra de pistoleiro e de santo; de revolucionário e de coronel caudilho; de guerreiro e de preguiçoso.

O Ceará foi o meu ninho e é o meu túmulo; maior alegria e pior desgraça. Contudo, apesar de tudo, continuo enamorado do meu berço. Não consigo desvencilhar-me de ti, loira desposada do sol.

(Trechos de *Sou do Ceará* de Ricardo Gondim.)

Sumário

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)	4
Aguiar, Keila de Sousa.....	4
RESUMO	8
Abstract:	9
Agradecimentos	10
Um pouco deles e muito de mim... ..	12
Traçando caminhos.....	14
Amarrada ao mastro de Ulisses.....	16
1. Trajetos e trajetórias da migração	21
1.1. Da saída à chegada: migrantes cearenses em Santarém	21
1.2. Da diferença à identidade ou da identidade à diferença?.....	34
2. “Perdi a conta na hora da festa”: família e casamento	42
2.1. Tecendo punho de rede: sociabilidade(s).....	42
2.2. “Da mesma forma que eu”: família e valor.....	54
2.3. “É importante casar sim!”: mercado do casamento.....	62
3. No embalo da rede tudo é diferente: ditos e contraditos	72
3.1. “Tu nem sabe...”: a fofoca como fonte de informação	72
3.2. Rapadura com açaí: pensando as gerações	76
Considerações finais	87
Bibliografia.....	91

RESUMO

A presença de migrantes nordestinos na Região Amazônica constitui fato histórico que atenta a pensar fixação e interação com os demais grupos aqui existentes. Pensando a migração como um processo histórico e social, nestas análises, busco entender os elementos que compõem a identidade dos *cearenses* na cidade de Santarém – Pará, à medida que, quando empreendem em seus discursos e práticas sua diferenciação com os *paraenses* a partir das relações de família e casamento. Assim, torna-se necessário categorizar a naturalidade e pensar as práticas de casamento como homogênicas, mapear as estratégias utilizadas no intuito de estabelecer uniões preferenciais. O confronto e interação entre gerações ajuda perceber como ocorre o processo educativo na busca da permanência dos valores do grupo e na continuidade da compreensão e do sentido de família.

PALAVRAS CHAVES: Migração; Família; Casamento.

Abstract:

The presence of Brazilian northeastern migrants in the Amazon region is historical fact that careful thinking about their interactions with other groups in the same area. In the analysis about the migration as a historical and social process, I seek to understand the elements that build the identity of *Cearenses* migrants in Santarém City, State of Pará, through their discourses and practices, family relationships and marriage that are their differentiation from *Paraenses* family and marriage relationships. So, it is necessary to categorize the citizenship and consider the practice of marriage as a homogamous form, map the strategies used to establish preferential mating. The approach and interaction between generations help us to understand how the educational process occurs searching to maintain the ethics rules of the group and keep on the comprehension and family meaning.

Keywords: Migration; Family; Marriage.

Agradecimentos

Como acredito que nada nessa vida é feito somente por minhas mãos, mas, pelas mãos de todos aqueles que se envolveram no processo de construção deste trabalho, especialmente, em minhas idas e vindas de eterna migrante, chegou a hora de agradecer.

Nas águas escuras do Rio Guamá, agradeço aos professores e professoras que conheci ou reencontrei do PPGS. Espero que vejam aqui o fruto das construções teóricas e metodológicas de suas disciplinas. Em especial, agradeço à professora Jane Felipe Beltrão, amiga de outros tempos, por manter a sala aberta para sempre que sentisse vontade de conversar.

A minha orientadora Cristina Donza Cancela, a qual Deus mergulhou em uma dose sem igual de paciência e otimismo, aplacando muitas vezes o desespero que me consumia.

Aos amigos de Mestrado e Doutorado Socorro Lacerda, José Mendes, Ângela Paiva, John Araújo, Ivana Oliveira, Anselmo Paes por serem companheiros, amigos dadivosos em momentos bons e ruins.

A três amigos especiais, que conheci aqui, mas que os levarei comigo aonde quer que eu vá: Eliane, por ter dividido comigo não só a casa, mas um pedaço de nossas vidas em Porto Alegre; Ariadne Peres, pessoa de palavras sábias, responsáveis por muitas lições de vida; Jorge Luiz, que como eu sempre digo “seria meu grande amor, se não fosse meu grande amigo” e que abriu as portas da sua casa e da sua vida para mim, serei eternamente grata por sua amizade. Obrigadíssima!

Ao Paulo, Rosângela, Dona Ana, Max e Dona Marina. Obrigada por estarem a postos a nos ajudarem.

Mudando de paisagem e voltando as límpidas águas do Rio Tapajós, agradeço a minha família – tios, tias, primos e primas, minhas avós – que direta e indiretamente são responsáveis por meu lado e jeito “arigó” de ser.

Aos meus pais Rita e Assis, que nunca deixaram de dizer que sentiam minha falta e nem de fazer o possível para que ela diminuísse; aos meus irmãos Kátia, Lázaro, Lucas e Marlúcia por estarem sempre presentes, mesmo à distância, vocês dão sentido à palavra fraternidade. Amo vocês!

A família Canuto, gostaria de agradecer na pessoa da Silvane, por me fazerem lembrar que amigo é o irmão que a gente escolhe.

Do outro lado do Brasil gostaria de agradecer as professoras Claudia Fonseca e Denise Jardim pela acolhida no NACI durante o PROCAD, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma troca de experiência ímpar.

Ao Ivan que mesmo à distância tem sido meu companheiro.

Obrigada a todos!

Um pouco deles e muito de mim...

“A suposição de que o antropólogo, durante a observação participante pode se manter neutro ou, então, ‘pairar’ como uma ‘entidade’ acima da vida dos seus observados e nela não interferir é, sem dúvida, uma visão pouco condizente com o trabalho de campo.”

Vagner Gonçalves da Silva

“Como antropóloga, meu problema residia em como encontrar uma posição privilegiada da qual pudesse observar a água que havia vivido a vida inteira.”

Emily Martin

É verdade que o pesquisador escolhe o seu campo de pesquisa, mas, não é menos verídico que o campo de pesquisa escolhe o pesquisador. Esse foi o meu caso! Antes de convidá-los a adentrar aos caminhos percorridos neste trabalho, preciso *confessar* – no sentido foucaultiano da palavra – as veredas que me levaram a esta seara não tão desconhecida.

Como muitos outros estudantes de pós-graduação esse não foi tema que escolhi ao adentrar no programa, na verdade, pretendia um trabalho bem mais “histórico-antropológico” do que este. Pretendia fazer uma continuidade do que havia pesquisado na graduação, ou seja, estudar a composição das famílias migrantes nordestinas entre os séculos XIX e XX. Mas, como o próprio Vagner Silva¹ já alertava, os orientadores acabam influenciando nossas escolhas. Naquele momento, a Professora Cristina Cancela fez-me a proposta de trazer o tema para mais perto, foi assim, que do projeto original apresentado ficaram apenas os migrantes.

Entre muitas perguntas e recortes voltei o campo para Santarém e foquei nos migrantes cearenses que ali residem desde a década de 50. Mais adiante defini(mos) focar nas relações familiares e no casamento, partindo da premissa que esses migrantes mantinham casamentos com pessoas do próprio grupo. Pronto! Senti-me em casa. E estava mesmo. Sou filha e neta de migrantes cearenses que vieram para a região justamente no período que delimitiei para pesquisa - década de 50. Faço parte de uma

¹ SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2006.

terceira geração que viajou e viaja para completar seus estudos e, em função disso, divide a sua morada entre Santarém e outras cidades (no meu caso, Belém).

Fui criada como muitas filhas de *cearenses*, cercadas de primos e primas, tendo padrinho um amigo *cearense*, debutando no Comercial Atlético Cearense, passando um horário de seu dia na escola e outro na loja/comércio dos pais, aprendendo as diferenças básicas entre os “cearenses” e os “outros”, sendo rechaçada durante a infância e adolescência por ser *cearense*, enfim, fiz tudo o que qualquer pessoa que nasceu naquele meio faria, porém, acreditava que o fato de não ter casado aos dezesseis anos (como muitas de minhas amigas), não ser casada aos 30 (como poucas delas), de ter feito a opção pelo trabalho intelectual me traria o benefício de ter acesso ao campo e, ao mesmo tempo, manter distância objetiva para observar os meus com a cientificidade necessária.

Ledo engano! No decorrer da pesquisa fui sendo guiada, interrogada e entrevistada por meus interlocutores, me vi percorrendo o caminho de minhas próprias memórias e sendo conduzida a refletir e explicar minhas opções de vida diante de uma simples pergunta: “Por que você ainda não casou?”. Embora minhas repostas para as inúmeras perguntas sobre meu estado civil, sobre minha pretensa “liberdade”, sobre minhas “rédeas soltas” fossem para alguns dos interlocutores falsas desculpas e para outros a possibilidade de sonhar como a sua vida poderia ser diferente se tivesse estudado, seguido o mesmo caminho, em mim, provocaram algo mais: a percepção da minha posição na pesquisa.

Diante desses diálogos percebi que era como Martin² mais um peixe dentro d’água que precisava arranjar um lugar para observar tudo. Descobri - em conversas na cozinha, em fofocas contadas a miúde, em palavras caladas, em festas familiares – que eu já possuía um lugar naquele meio garantido por quem me conhecia “desde pequena”, pelo simples fato de ser filha, neta, prima e sobrinha de *cearenses*. Credenciais que abriram muitas portas, mas não todas, já que parte delas foram, ao mesmo tempo, fechadas pela minha condição de mulher solteira que poderia ameaçar um casamento ou que queria saber muito mais do que deveria sobre “as coisas de mulher casada”.

² MARTIN, Emily. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

Andei por muitos trajetos, conversei com muitos, escutei tantos quantos queriam falar, vivenciei e vivencio com pessoas que vejo semelhanças, dessa maneira, foi preciso me atar à metodologia e à bibliografia para enxergar além da espessa névoa que antes cobria meus olhos.

Traçando caminhos

O fato de estar inserida em uma rede de sociabilidade do/no grupo fui aos poucos traçando os caminhos que deveria percorrer para entender os propósitos das questões que propunha. Possuir referências que me garantissem a livre circulação em variados ambientes, bem como, o acesso às pessoas de diferentes gerações garantiu a articulação dos métodos ora empreendidos.

Não se pode deixar de entender que o processo de produção da antropologia passa, necessariamente, por três níveis vitais: o olhar, o ouvir e o escrever³, ou ainda, o “estar lá”, “estando aqui”⁴. Dessa, forma é que estar presente diante do objeto através da observação participante “serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o mundo ‘interior’ e o mundo ‘exterior’ dos acontecimentos: de um lado captando o sentido das ocorrências; de outro, dá um passo para trás, para situar esses significados em contextos mais amplos”⁵.

Com o propósito de abranger as relações intergeracionais⁶ e os discursos elencados pelas gerações, inicialmente, foram empreendidas entrevistas semiestruturadas⁷ com casais que pudessem representar sua geração. As conversas

³ O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira em um texto sobre o trabalho do antropólogo divide-o em três etapas: o olhar, o ouvir e o escrever. Cf: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo, São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

⁴ Referência às discussões levantadas por Clifford Geertz. Cf: GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

⁵ CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998, p.33.

⁶ Cf: DEBERT, Guita Grin. “As classificações etárias e a juventude como estilo de vida.” In: *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, 2004, p.39-70.

⁷ Entendo por entrevistas semiestruturadas aquelas que tratam sobre temas, mas que possibilitam ao interlocutor a maior liberdade acerca de suas respostas. Essa metodologia pode ser observada nos trabalhos de Beatriz Vitar e Worcman e Pereira. Cf: VITAR, Beatriz. *Inmigración, etnicidad y experiencias geracionales: El caso de los sirios e libaneses em Tucumán (Argentina)*. In: JARDIM, Denise Fagundes. OLIVEIRA, Marco Aurélio de. (org) *Os árabes e suas Américas*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008, pp.99-144; WORCMAN, Karen. PEREIRA, Jesus Vasquez. *História falada:*

iniciais mostraram a necessidade de adotar a metodologia das entrevistas a partir da “história de vida”, posto que, possibilitava perceber a relação entre a construção do passado, pessoal e do grupo, e sua posição atual⁸. Poucos foram os casais que necessitaram ser estimulados a fazer um histórico de sua vida. Em geral, quando explicava o intuito da pesquisa, as narrativas se construía facilmente.

Como o acesso aos homens casados nem sempre foi possível, a maior parte das entrevistas foi feita com mulheres. Dessa forma, alguns discursos sobre o masculino são pensados a partir da fala delas e da observação do contexto, posto que, o que não conseguia com o diálogo ouvia por outras fontes.

Além disso, não pude desconsiderar que o fato de fazer parte do grupo, vivenciar experiências relacionadas a ele, bem como, possuir lembranças ativadas – tanto em mim, quanto nos interlocutores - pelo diálogo, pelo olhar de quem viveu situações parecidas, ou pela cumplicidade do sorriso, me obrigou a olhar pelo filtro de uma etnografia que havia feito antes mesmo de elencar o tema como uma pesquisa, a etnografia da minha vida, de quem nasceu filha e neta de *cearenses*. Dessa forma, ela aparece no texto mostrando lugares que o discurso não alcança e que somente o desenho fotográfico da lembrança é capaz de revelar⁹.

Vale ressaltar que este trabalho constitui um olhar, uma forma de perceber as relações estabelecidas por um grupo de pessoas que sente, vive e interpreta suas ações e a do outro, tendo consciência do que quer mostrar e o que quer saber. Diante da multiplicidade de possibilidades e temas que poderiam ser discutidos, o foco deste trabalho está nas relações familiares e de casamento, posto que, são percebidas como valores específicos destas pessoas, traços de sua identidade. Para tanto, o auxílio de uma

memória, rede e mudança social. São Paulo: Sesc-SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2006.

⁸ Cf: PORTELLI, Alessandro. “ ‘O momento de minha vida’: funções do tempo na história oral”. In: FENELON, Déa Ribeiro (etl all). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004, pp.296-313.

⁹ Alguns antropólogos têm voltado seu olhar para suas experiências pessoais e como elas são passíveis de construir etnografias. Cf: MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. Na “casa da mãe”/na “casa do pai”: Anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da “circulação” de crianças. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, volume 47, nº2, pp. 427-452; DUARTE, Luis Fernando Dias. GOMES, Edlaine Gomes. *Três Famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

bibliografia direcionada às discussões sobre família, casamento, identidade, geração estabeleceu o foco e manteve a direção da pesquisa.

Amarrada ao mastro de Ulisses

A discussão sobre família nas ciências sociais é construída com maior intensidade a partir da década de 50 e 60¹⁰, onde há uma preocupação com a “crise da família” vivida em função das novas dinâmicas da modernidade, produzindo um paradoxo entre a sociedade moderna – baseada nas relações econômicas e na racionalidade – e a família – tradicional, com formas sociais arcaicas e arraigadas na relação de parentesco. Surge, portanto, a necessidade de saber em que a modernização mudou a família e como esta passava a se organizar¹¹.

Nas décadas de 70 e 80, a produção sociológica passou a contar com as análises voltadas aos estudos demográficos¹². Destacam-se, ainda, os estudos voltados à

¹⁰ Isso não significa que antes deste período a *família* não era considerada um aspecto importante para análise. Segalen percorre muito bem este caminho da “sociologias e ideias de família” mostrando que a preocupação com esta instituição ocorre, na França desde a primeira metade do século XVIII com os inquéritos médicos da Sociedade Francesa de Medicina, tornando avultosas e espessas com os estudos de Louis René Villumé sobre os operários. Augusto Comte acreditava que a instituição sofria com os “atentados” contra ela, baseando-se “... em uma abordagem psicologizante cuja pseudocientificidade consiste em substituir Deus pela natureza humana.”. Frederic Le Play que pensou a família a partir de um método de análise específico escrevendo “monografias de famílias”, mas, foi com Émile Durkheim, que a discussão sobre família toma forma e corpo contemporâneos. Durkheim tenta fazer uma relação entre características e contexto a partir da comparação de diversas obras sobre sociedades diferenciadas, “diríamos que se trata de encontrar modelos e as condições de produção desses modelos” usando, para isso, análises estruturais chegando à conclusão de que houve uma “contração da família”. Cf: SEGALEN, Martine. *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar, 1999, pp. 21-36.

¹¹ Neste período destacam-se dois autores amplamente debatidos nos estudos sobre o tema. O primeiro Talcott Parsons “caracteriza a família como um grupo social organizado em torno de um conjunto de valores opostos, ou até contraditórios, aos que estruturam a sociedade moderna”. Para Parsons a industrialização requer a dissolução dos laços de parentesco e a redução do grupo doméstico a uma forma nuclear, comportando somente o marido como membro economicamente ativo. As críticas feitas a Talcott Parsons passam por dois pontos, o de encarar a família como uma instituição passiva que sofre com as mudanças sociais e econômicas, mas que está fora delas, e o de não analisar os processos de mudança da família a partir da perspectiva histórica. Somando forças nas discussões sobre família, William Goode, trouxe a perspectiva histórica para as discussões da sociologia da família propondo criar um quadro conceitual que pudesse dar conta das transformações individuais, familiares e sociais defendendo a tese de que a industrialização teria criado a possibilidade de individualização. Cf: SEGALEN, op.cit; SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007; PEIXOTO, Clarice Ehrls Peixoto, SINGLY, François de. CICHELLI, Vincenzo. (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000 e GOODE, William J. *A Família*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.

¹² Segalen ressalta a importância das discussões empreendidas pela Escola dos Annales, no sentido, de desenvolver uma história de bases demográficas. Assim, várias das discussões feitas pela história

economia familiar, à psicologia, à relação entre os membros da família e às relações de conjugalidade, levando em conta os sentimentos que permeavam as relações familiares. Na década de 70 persistiu a ideia de que a família “tinha um sentido mais forte de suas responsabilidades relativamente aos jovens, velhos e doentes”¹³. Neste caminho, os estudos relacionados à sociologia da família tiveram como pano de fundo a teoria durkheimiana, onde a família moderna é ao mesmo tempo “privada” e “pública”, na verdade, como alguns autores argumentam “a privatização incontestável da família moderna é, de alguma forma, uma ilusão porque é acompanhada de uma grande intervenção do Estado e das instituições”¹⁴. Passando pela década de 80 multiplicaram-se os estudos sobre a relação entre gerações e, não mais unicamente, sobre o casal. A família já não é rejeitada pelo seu sentido arcaico, surgindo, pelo contrário, como um valor moderno¹⁵.

A partir desse cenário torna-se possível entender os estudos sobre família em dois sentidos. De um lado, os estudos que priorizam as análises baseadas na individualização¹⁶ e na autonomia dos membros da família, trazendo a compreensão de que ela passa a ser um espaço relacional no qual o comportamento do indivíduo alimenta as novas estruturas familiares que, por sua vez, são reflexos da própria autonomia deste indivíduo priorizando, assim, a relação conjugal.

De outro lado, os estudos que acentuam a importância dos laços de parentesco e das relações construídas ao longo do tempo. Para esta corrente compreender tais laços deve ser prioritário na tentativa de compreender as relações familiares.

adentraram o campo da sociologia da família. Cf: SEGALEN, idem e BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a Revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

¹³ SEGALEN, op.cit. p.18.

¹⁴ SINGLY, op.cit, p. 33.

¹⁵ A essas características soma-se a necessidade da quebra de uma teoria global e o abandono de esquemas lineares trabalhando, agora, com a noção de modelos parciais e locais. SEGALEN, 1999, pp. 21-36.

¹⁶ Para Singly o indivíduo não é um ser isolado da sociedade, este autor defende uma espécie de “indivíduo relacional” que é “... de um ‘nós’ que permite ao ‘eu’ construir sua identidade complexa: um laço que sabe unir sem sufocar, pois os indivíduos buscam elos sociais ‘fortes’ sem que estes, contudo, o levem a perder a liberdade ... ‘individualizar-se’, não significa que se deseje viver só ou que se sonhe com a solidão”. PEIXOTO, Clarice Ehrls. “Prefácio: A transformação dos olhares familiares e o olhar do sociólogo”. In: SINGLY. François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 21.

No Brasil, os trabalhos sobre família dividem duas perspectivas: uma enfatiza a estrutura e a organização das famílias e a outra focaliza a família enquanto valor. Nosso desafio reside na possibilidade de interlocução dessas duas perspectivas¹⁷.

Neste caso, as discussões sobre famílias ora empreendidas não estão dissociadas da compreensão que o estudo ocorre em um grupo de pessoas entendidas por seu processo de deslocamento, ou seja, da compreensão da origem migrante do grupo. Assim, torna-se necessário entender o migrante como categoria¹⁸ é determinante para a constituição da identidade do grupo¹⁹.

Nos últimos anos o tema das migrações (nacionais e internacionais) tem sido analisado à luz de teorias que buscam compreender o sentido do processo de deslocamento que envolve grupos de pessoas em seus lugares de origem e destino. Na verdade, a discussão teórica sobre os diversos *processos migratórios* tenta, ao mesmo tempo, articular situações de contexto político e econômico às experiências pessoais desses migrantes, e ainda, busca entender como tais experiências são responsáveis por reforçar ou criar identidades de grupo.

Ao discutir o processo de emigração de valadarenses, Weber Soares, acredita que apesar das diversas teorias²⁰ debruçarem-se sobre o tema deve se perceber que a maior parte delas não consegue explicar a dinâmica deste processo, por vezes, busca compreendê-lo a partir de um olhar economicista observando dinâmicas de atração e expulsão, vendo estes migrantes como sendo motivados pela busca de mercado de trabalho. Para este autor, os processos migratórios devem, na verdade, ser entendidos

¹⁷ A especificidade brasileira, onde impera a diversidade étnica, cultural e social, não possibilita a aplicação das análises voltadas para o contexto europeu ocidental, posto que, nem o Brasil, nem a América Latina, vivenciaram as possibilidades criadas pelo Estado do bem-estar social, daí, a necessidade de atentar para análises que possibilitem a ampliação da visão dos contextos sociais pesquisados. MACHADO, Lia Zanotta. "Família e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil." *Interface-comunicação, saúde e educação*. v. 4, n.8, 2001. p 11-26.

¹⁸ SILVA, Maria Aparecida de Moraes. "Contribuições metodológicas para a análise das migrações". In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. (orgs.). *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos: EDUSFCAR, 2005, pp. 53-86.

¹⁹ Proponho discutir as questões sobre identidade à luz das proposições dos estudos culturais.

²⁰ Em seu texto o autor propõe discutir algumas teorias sobre migrações, são elas: teoria da atração e expulsão; macro e micro teorias neoclássicas e os novos economistas da migração; teoria histórico-estrutural; teoria do mercado dual de trabalho; teorias dos sistemas sociais e análise das redes sociais. SOARES, Weber. *A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais*. In: MARTES, Ana Cristina Braga. FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

como *redes*, pensando que “as unidades efetivas da migração não são nem indivíduos, nem famílias, mas, sim, conjuntos de pessoas ligadas por relações de amizade, de conhecimento, de parentesco e de trabalho. Não redutível às características (atributos) e intenções individuais, a migração deveria ser pensada como estrutura comunitária que se traslada”²¹.

As ideias defendidas por Soares vão ao encontro das proposições de Truzzi²², que ao analisar a migração sírio-libanesa no Brasil, defende que o fenômeno migratório só pode ser compreendido como fato social total propondo que os estudiosos da migração pensem este processo como um *sistema migratório* que “conecta duas ou mais sociedades, cada uma composta de vários grupos sociais com diferentes interesses”²³, ou seja, como o movimento que envolve grupos na região de origem e na região de destino por certo período de tempo alimentando relações que inibem ou estimulam deslocamentos.

Dessa forma, pensar o fenômeno migratório como *sistema migratório* fortalece a visão da migração como um processo dinâmico e dirige atenção para ambas as pontas do processo, possibilitando perceber o fluxo e a sua relação com os destinos alternativos, focalizando a migração como sistema interconectado e, principalmente, tornando possível enfocar o processo nas trajetórias individuais e familiares, à medida que, o sistema migratório alimenta-se de *redes sociais*.

Na gama de possibilidades do desenvolvimento de redes sociais volto meu olhar para o papel da família na criação de dinâmicas que conectam origem e destino, bem como, a importância dela no processo de socialização²⁴ das pessoas e sua relação com a sociedade local. De modo geral, é possível perceber que o processo de migração – quer nacional, quer internacional – não pode ser pensado como uma abstração ou uma escolha aleatória de indivíduos, na verdade, importa perceber a existência de uma conexão entre pessoas que migram e estas, por sua vez, estão conectadas em redes

²¹ Idem, p.240

²² TRUZZI, Oswaldo. **Rumo a uma compreensão micro-analítica da migração sírio-libanesa ao Brasil**. In: JARDIM, Denise Fagundes. OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. *Os árabes e suas Américas*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, pp. 145-160.

²³ Op. cit, p.146.

²⁴ Faço a opção de utilizar o termo socialização, ao invés de adaptação, por acreditar que ele engloba os possíveis conflitos existentes entre os grupos locais e os grupos migrados, bem como, a inserção dos recém-migrados.

sociais ou redes de parentesco. Além disso, a importância dada a estas redes sociais acabam por criar identificações responsáveis pela construção de valores e pela manutenção deles ao longo do tempo.

Assim, o tema da migração é assunto do primeiro capítulo - *Trajetos e Trajetórias da migração* - que trata do processo de chegada dos migrantes cearenses na cidade, seu processo de fixação e a construção da identidade *cearense* em oposição a comunidade local.

No segundo capítulo – *“Perdi a conta na hora da festa”: família e casamento* – estarão em foco as relações familiares, os espaços de sociabilidade e o mercado do casamento no qual estão envolvidos os que se identificam como membros do grupo.

No terceiro capítulo – *No embalo da rede tudo é diferente: ditos e contraditos* – discuto a fofoca como fonte de informação e a relação das gerações, bem como, a possibilidade de percepção a terceira geração como fonte de integração e imagem positivada do grupo.

Por fim, as considerações finais não pretendem esgotar a discussão sobre o tema, mas sim, lançar novas possibilidades para percebê-lo.

1. Trajetos e trajetórias da migração

*Lá do árido Ceará bravo e distante
Vieste um dia como ousado pioneiro
Ver a beleza majestosa e impressionante
Desta Amazônia que empolga o forasteiro*
Evangalista Damasceno, 1954

No presente capítulo pretendo apresentar e discutir o contexto no qual estão inseridos os interlocutores deste trabalho, migrantes cearenses residentes em Santarém-Pará. Para tanto, me dedico a analisar os fatores elencados como sendo responsáveis por seus deslocamentos e estabelecimentos na cidade. Assim, aliados às narrativas da migração, é necessário compreender os mecanismos que acionam a identidade de grupo, bem como a sua construção e formas como passam a ser acionados e re-significados em espaços e contextos sociais.

1.1. Da saída à chegada: migrantes cearenses em Santarém

A migração compreende um fato histórico e social que compõe a formação da Amazônia. Daí deriva a presença de diversas nacionalidades e grupos regionais²⁵ nesta região. Dessa forma, entendo por *migrantes* pessoas que partilham de laços sociais, em um determinado espaço sociocultural onde definem sua(s) identidade(s). Portanto, migrante é uma categoria construída historicamente que se desloca de acordo com o tempo e o espaço²⁶.

Embora o termo *migrante* remeta a uma imagem abstrata borrada por diversos rostos e características culturais, ela é sustentada por situações concretas, experiências evocadas e interpretadas por pessoas ao longo de gerações. Neste sentido, penso a

²⁵ Sobre os aspectos da migração na Amazônia conferir os seguintes autores: BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Manaus: Editora Valer: Editora da Universidade do Amazonas, 1999 BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Manaus: Editora Valer: Editora da Universidade do Amazonas, 1999; LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearense no Pará: faces da sobrevivência (1889-1906)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006 e HOGAN, Daniel Joseph. *Dinâmica demográfica da Amazônia recente*. Workshop Internacional Dinâmica populacional e mudança ambiental na Amazônia brasileira. Campinas, UNICAMP, outubro de 2007 (mimeo).

²⁶ SILVA, 2005, pp. 53-86.

migração como fato social que ecoa nas gerações subsequentes à medida que cria substratos de diferenciação do grupo²⁷.

Assim, considero *cearenses* não somente aqueles que gozam desta naturalidade oficial, mas também, seus descendentes, ou seja, os que se identificam ou que sejam identificados como tal, mesmo não sendo nascidos no Ceará, que, assim são chamados por suas relações de sociabilidade. É partindo desta premissa que olho a migração de cearenses para Santarém durante a segunda metade do século XX.

A chegada de famílias cearenses na cidade de Santarém remonta a década de 50, mais especificamente o ano de 1951. Este é o período reconhecido pela maioria das pessoas desse grupo como o ponto inicial da colonização nordestina na cidade. Na verdade, é possível perceber, através da bibliografia regional, que a presença de migrantes nordestinos - inclusive cearenses – tornou-se densa na região Amazônica, especialmente, a partir do período áureo da borracha - século XIX - onde as políticas de colonização envolviam diretamente um estímulo ao deslocamento dessas pessoas²⁸.

Assim, muito provavelmente a presença de cearenses em Santarém ocorreu bem antes da década de 1950. No entanto, as várias narrativas obtidas no trabalho de campo remetem a esse período como sendo o “fundador” da colônia cearense na região, o que nos remete a ideia de *mito de origem* da chegada desses migrantes cearenses²⁹, mas também, a possibilidade de perceber a seletividade da memória do grupo no intuito de construir uma memória que seja coletiva, daí o marco de 1951.

Rodrigues, em seu estudo, percebe a existência de um “mito fundador” no bairro do Jurunas. Para a autora, diversas elaborações discursivas colocam todos os elementos em relação cujo início remete a uma fundação e a um fundador através “de um discurso

²⁷ O tema da diferenciação será discutido no item 1.2 deste capítulo.

²⁸ Para conferir a presença de nordestino na região amazônica e as políticas de migração consultar os trabalhos de AGUIAR, Keila de Sousa. *Trabalho, família e habitação: cotidiano dos migrantes nordestinos na capital paraense (1898-1908)*. Belém: Monografia de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal do Pará, 2001 e CORPES, Raimundo da Silva. *Migrantes e Imigrantes no Pará da virada do século (1898-1908)*. Belém: Monografia de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal do Pará, 2002.

²⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

que se alimenta de elaborações anteriores, de repetições, reiteraões, já-ditos que circulam como parte de um discurso conhecido e dominado pela maioria”³⁰.

Segundo Maurice Halbwachs, “a memória individual existe a partir de uma história coletiva no interior de um grupo, e isto acaba por garantir a coesão do grupo enquanto unidade coletiva”³¹. Assim, o individual e o coletivo agem sob ótica de conciliação, de negociação, pois,

“Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum”³².

A memória, ao constituir-se como fonte informativa da história de vida desses informantes torna-se base da identidade de grupo onde suas experiências estão atreladas, arraigadas, postas, não só ao processo de migração para Santarém, mas, a fixação na cidade e ao reconhecimento de uma condição de grupo.

De acordo com estas narrativas tudo começou quando Pai Juca - patriarca da família Cunha - comprou um caminhão e junto com mais 25 famílias saiu do interior do Ceará, de uma localidade denominada Seriema – distrito da cidade Frecheirinha³³ - “rumo a um destino ainda não conhecido”. Após passarem por Feira de Santana, no estado da Bahia, e enviarem parte das famílias para Minas Gerais, resolveram rumar para Santarém que constava na lembrança de Pai Juca dos tempos dos seringais do Acre, onde havia trabalhado no seringal de um primo seu.

Pese no grupo a intenção de salientar a eventualidade da escolha de Santarém como destino final, outro sentido surge no contexto das decisões de migrar, o fato da escolha ter sido direcionada pela passagem de Pai Juca na cidade num momento anterior de sua vida, quando foi seringueiro no Acre - embora não tenha sido possível recuperar

³⁰ RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção da identidade em espaço urbano*. Belém: Editra do Naea, 2008, p. 138.

³¹ HALWBACS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. dos Tribunais, 1990

³² POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989, p. 3

³³ Esta cidade está localizada a 305 km da capital cearense.

a história desse momento, já que, a própria personagem não é mais viva, o pouco que se sabe foi descrito por sua neta em monografia de curso³⁴.

Cristina Wolf salienta que a presença de migrantes nordestinos foi comum na região acreana, especialmente de cearenses. Segundo a autora, “vinham do Nordeste das secas em navio a vapor com o sonho de fazer fortuna e, ricos, voltarem para suas terras e família”³⁵.

As poucas informações sobre a presença de Pai Juca no Acre dão conta de perceber que ele ainda era solteiro quando esteve na região, pois assim era preferido pelos donos dos seringais, já que consideravam que isto estimulava o trabalho dos seringueiros na tentativa de acumular algum pecúlio para retornar ao seu Estado ou para trazer a família ao seu lugar de trabalho³⁶. No entanto, Pai Juca não esteve sozinho, contou com apoio de um membro da família nesta empreitada citado apenas como um primo.

No processo migratório direcionado por Pai Juca vieram as famílias Aguiar, Machado, Walfredo, Cunha e outros³⁷. Outra parte destas e de outras famílias aportaram na cidade, sete anos depois, em 1958. Desta vez, não como pioneiros, mas mandados buscar por parentes cujos negócios prosperaram após 1951.

Este dois anos – 1951 e 1958 - são fundamentais para pensar a migração destas famílias, posto que as histórias narradas por este grupo de migrantes, em sua maioria, são acionadas pelas vicissitudes da natureza. Nesse sentido, as narrativas do deslocamento do nordeste são marcadas pela agonia da *seca*. A historiografia nordestina mostra que desde o século XVI até aproximadamente a década de 80 do século XX, a

³⁴ As informações sobre este período foram coletadas da monografia elaborada por sua neta Georgete Cunha. Cf: CUNHA, Maria Georgete Pessoa. *A imigração da família Aguiar*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de História da UFPA, 1994.

³⁵ WOLF, Cristina Scheib. *Mulheres da floresta: uma história – Alto Juruá, Acre (1880-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 14.

³⁶ Idem, p. 16

³⁷ CUNHA, op. cit., p. 20.

região já havia enfrentado cerca de 40 estiagens, com variações de intensidade e tempo³⁸.

Já na primeira metade do século XX, o drama da seca, da fome e da migração era remediado por medidas governamentais e na década de 50 dois grandes períodos de seca foram responsáveis pelos deslocamentos de famílias e pela composição da imagem do flagelo nas cidades nordestinas.

A seca de 1951 a 1953 provocou um grande número de deslocamentos de nordestinos para estados como Goiás e Mato Grosso. É neste momento que os nordestinos passam a ser transportados em caminhões “pau-de-arara” perpetuando, desta forma, a imagem do migrante nordestino associada a esse tipo de transporte, que consiste no traslado de pessoas na carroceria de caminhões cortadas por paus que ligam suas extremidades como se fosse o poleiro de uma ave³⁹.

Ainda nesta década outra seca iria devastar a região com maior intensidade. É a seca de 1958, que chega a atingir um raio de 500km² provocando a inevitável rotina de deslocamento de cerca de 500 mil pessoas nos, já constantes, “paus-de-arara”. É neste contexto, que vamos encontrar as personagens desta história.

No entanto, embora estes dois processos migratórios estabeleçam relações intrínsecas, se diferenciam quanto a sua motivação. Os interlocutores que vieram com o grupo de 1951 destacam como fator relevante para o deslocamento uma alteração política existente entre Pai Juca e Antonio Capistrano, que cominou na perseguição aos que apoiavam o primeiro⁴⁰. Embora a maior parte destas famílias já houvesse se mudado do distrito para outras cidades⁴¹ em função da seca, permanece na narrativa do grupo a saída em função da perseguição política. Já o grupo vindo em 1958 elenca

³⁸ SOUZA, Itamar & MEDEIROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca: uma análise sócio-política das secas do Nordeste*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1983 e GEABRA, Ivone. *A mobilidade da senzala nordestina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

³⁹ SOUZA, op. cit.

⁴⁰ Sobre a perseguição política não consegui, nos relatos orais, referências mais sólidas, quando interrogados os interlocutores respondiam que não se lembravam muito. Somente Cunha faz menção direta ao nome dos envolvidos. CUNHA, op. cit. pp. 11-19.

⁴¹ No trabalho de Cunha, cita um primeiro deslocamento para a cidade de Sobral antes da decisão de sair do Ceará. Op. cit. p.15

como fator principal a seca daquele ano, mas não descarta a relevância do fato de já existirem parentes na cidade.

A maior parte dos migrantes cearenses, em Santarém, é proveniente da mesma localidade – Frecheirinha - ou de seu entorno – Seriema - reforçando a articulação das redes sociais, que neste caso, passam a ser estabelecidas por familiares consanguíneos. Fazito⁴² - ao estudar a imigração de *dekassegis* - e Ridley-Leigh⁴³ - que analisou a presença de migrantes nordestinos em Brasília - concordam ao considerar que os processos migratórios estabelecem redes sociais que ligam lugar de origem - lugar de destino, e, tal ligação é alimentada pelas relações de parentesco constituindo um *imperativo moral* entre os membros do grupo, ou seja, a obrigação dos migrantes estabelecidos ajudarem os parentes recém-chegados. Desta forma, a família torna-se um elemento importante e responsável por manter o fluxo constante e estabelecer a ligação entre a origem e o destino.

Para Denise Jardim, ao estudar imigrantes palestinos no extremo sul, a pertença territorial está relacionada com aspectos da vida familiar e introduz o imigrante no convívio com outros parentes havendo, desta forma, uma relação direta entre migração e parentesco. Destaca-se a importância dos laços de parentesco para garantir o processo de migração e permanência em uma cidade, inclusive por possibilidade de renda e trabalho. Esses laços são responsáveis por “acessar a possibilidade” de deslocamento. Assim, a terra de origem assume significado através das relações familiares e os vínculos familiares levam a reviver a identidade. Desta maneira, “em muitos casos, as famílias eram conduzidas por redes de relações que indicavam para onde deslocar a vida comercial – lugares onde teriam respaldo de conhecidos e patrícios”⁴⁴.

⁴² FAZITO, Dimitri. “A configuração dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação”. 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Outubro de 2007.

⁴³ RIDLEY-LEIGH, Dominique. “Mulheres na migração redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência”. In: Encontros com a civilização brasileira, nº 26, 1980.

⁴⁴ JARDIM, Denise Fagundes. “Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduaneiras”. In: Cadernos Pagu. Dezembro de 2007, n. 29, p. 202.

Este foi o caso de Dona Margarida⁴⁵ que migrou para Santarém com o marido e seis filhos e com a ajuda do irmão dele que já havia fixado negócios na cidade desde 1951. Quando perguntada sobre a sua vinda narra que

“a seca era muito grande... veio muita gente cearense pra cá nesse tempo. Mas veio mais foi de carrada de gente! Da Seriema nós fomos de pau-de-arara. Aí nós ficamos lá na hospedaria lá em Fortaleza, mas foi difícei, eu trazia seis fios na época. ...o mais velho com seis anos e o mais novo com seis meses... era bem dizer um filho todo ano...(pausa) Na mudança truxemos só os fios só (risos), lá na hospedaria era todo dia morrendo gente, só morrendo gente. Aí meu cunhado foi buscar nós [o Antônio] foi buscar nós em Fortaleza, ainda passamos uns pouco de dia lá. Meu pai trouxe a família toda e ficou lá na hospedaria esperando o navio⁴⁶ ... Nós viemos de avião foi [Antonio], irmão do meu marido, que pagou as passage tudo”⁴⁷.

Por sua narrativa percebo que o processo de migração deste grupo configurou-se em um projeto apoiado por laços familiares, posto que não é estabelecido apenas por uma escolha individual, mas por condições estruturais. É necessário poder contar com uma estrutura já existente no lugar de destino - saber onde ficar, com quem vai poder contar na hora da necessidade, quem vai poder indicar um trabalho ou mesmo hospedar temporariamente a família, tudo isto é levado em consideração no momento de direcionar o deslocamento.

Adriana Capuano observa que a emigração de brasileiros para os Estados Unidos tem se revelado muito além de um mero projeto individual de busca de trabalho e renda no exterior. Ao contrário, se revela, sobretudo, sendo um *projeto familiar*, de ascensão financeira e mobilidade social, não raras vezes, para ambas as partes, tanto a que fica no Brasil, quanto a que migra para os EUA⁴⁸.

⁴⁵ Todos os nomes apresentados são fictícios, no sentido, de preservar a identidade dos (as) interlocutores (as).

⁴⁶ O navio Almirante Alexandrino, pertencia a Companhia Loyd Brasileira e era responsável, na década de 50, pelo traslado de passageiros de Santos a Manaus, viagem essa, que poderia demorar cerca de 60 dias. <http://www.mirantemultimodal.com.br/cgi-bin/interno.cgi?tipo=memoria&lugar=784> capturado em 26/11/2008.

⁴⁷ Entrevista realizada dia 18/10/2007.

⁴⁸ CAPUANO, Adriana. *O caminho sem volta – Classe social e etnicidade entre os brasileiros na Flórida*. In: MARTES, Ana Cristina Braga. FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Neste sentido, a primeira leva de cearenses que chega em 1951, além de ponte para a fixação de novos migrantes na cidade, passa a estabelecer critérios para mediar esta travessia, tais como parentes primários ou secundários desde que possam auxiliar no trabalho ou exercer a sua autonomia financeira.

Dona Cristina e Seu Damião ilustram bem este exemplo. Ela veio em 1970, para morar com a família da prima e cuidar dos filhos dela; ele, em 1962, no entanto, ambos vieram cumprir funções bem específicas na cidade.

“eu num queria vi, mas, ela (a prima) precisa de quem olhasse os filho dela porque era muito serviço na casa. Aí, ela escreveu pra mãe me mandar e a mãe achou melhor eu vim porque depois ela ia poder mandar meus irmãos”⁴⁹.

“Fui eu quem pediu pra vim pra Santarém, lá era muito difícil... o (irmão) mandou o dinheiro da passagem para eu vim e eu já sabia que tinha que trabalhar, mas, era assim mermo que eu queria... Daí fiquei morando na casa dele até casar”⁵⁰.

Para Ridley-Leigh⁵¹, uma rede de relações interpessoais existe no sentido do reconhecimento por parte das pessoas de um conjunto de obrigações e direitos com referência a certas outras pessoas identificadas. Na análise da autora há uma oposição entre a obrigação ideal, relacionada à distância genealógica, e as relações reais relacionadas aos benefícios econômicos que podem ser extraídos das relações de parentesco por um grupo social específico. Esta diferença entre as obrigações a serem exercidas entre os parentes e os não-parentes compõem as narrativas anteriores, quando Dona Margarida tem a possibilidade de vir de avião, custeado pelo cunhado, mas seu pai fica para vir de navio, ou mesmo, quando se pode financiar a vinda de algum parente em função do benefício que ela possa trazer.

A narrativa de Dona Rosa segue o mesmo percurso, saiu do sertão em 1957 com o marido e dois filhos. A primeira parada foi Sobral onde o marido tentou trabalhar com um de seus irmãos que lá residia, porém,

⁴⁹ Entrevista, 20/08/2008.

⁵⁰ Entrevista 20/08/2008.

⁵¹ RIDLEY, Dominique. “Uma mão lava a outra, e as duas banhando o rosto”: Um estudo de redes de parentesco como uma solução estratégia dentro do contexto da migração. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 1979.

“Não deu certo não! O serviço era pouco e o Raimundo (marido de Dona Rosa) não tava acostumado a depender de ninguém não. Foi quando meu irmão mais velho (Zé) perguntou a ele se queria ir embora mais ele pra Santarém. João pensou, pensou.... mas resolveu aceitar. Aí, o Zé botou ele pra fazer comércio no interior e nós ficamos assim, morando um bom tempo no mesmo terreno (da casa) do Zé. O João pagou uma parte das passagens e o Zé ajudou com o resto. Aí, nós viemos no navio”⁵².

Da mesma forma, a narrativa de Dona Rosa corrobora a importância exercida pelos parentes na vinda e fixação dos recém-chegados. Sem dúvida, há algo que não é peculiar somente para a migração cearense, mas que pode ser pensado a partir deste contexto de análise: as decisões não são realizadas individualmente, referem-se a vários sujeitos que compartilhavam decisões e ajudavam a viabilizá-las.

Os migrantes do período posterior a 1951, certamente, gozaram de certas facilidades para estabelecerem-se na cidade, pois, já contavam com a presença de algum parente que possibilitou o traslado e viabilizou o que fosse necessário para garantir a família recém-chegada sua permanência na cidade, ao menos no primeiro momento.

Foi assim com Dona Sebastiana e seu marido, que conseguiram se instalar no interior de Santarém,

“e viemos pra cá e daqui fomos pra colônia ... compraram [o irmão e o marido] o terreno, fizemos uma casinha de palha ... e ficamos lá até que foi melhorando mais e fizeram as paredes de barro. Moramos um bocado de tempo na colônia ... era perto da Vila Nova [Mojuí dos Campos], Paxiubinha que chamavam, e passamos uns anos lá e depois viemos nos instalar pra cá pra cidade. Naquele tempo quem trabalhava pra sustentar a casa era meu marido mesmo, roçava, plantava cana, malva, vendia gordura de peixe, pagava trabalhador pra ajudar ele(...)”⁵³.

Trajetórias diferentes também marcam as narrativas dos cearenses que chegaram em 1951. Seu Antônio veio junto com Pai Juca, senhor de uma fala pesada e lenta, que ora deitado na rede, ora sentado na cadeira de balanço, mostrava-se ciente de tudo que havia conquistado.

⁵² Entrevista realizada em 08/07/2007.

⁵³ Entrevista realizada em 18/10/2007.

“O que fez a gente vir pra cá foi a questão política, nosso líder era o Pai Juca. Aí... lá no interior do Ceará eu era solteiro e morava com meus pais. ... Passei pra Frecheirinha, botei uma taberna e ganhei uns trocados. Quando chegamos aqui eu trouxe 8. 641 contos de réis e comecei a comprar mercadoria de Belém para vender aqui. Quando cheguei aqui tinha juntado uns trocadim e comprei esse canto, as pessoas diziam que não tinham sorte aqui [no canto], que tinha enterrado uma cabeça de anjo, ou de porco e até hoje é bom pra mim. ... Aqui montei o barracão pra ficar as pessoa que vinha do Ceará ... só podia passar três dias no barracão e tinha que procurar seu destino
...⁵⁴
...

Ele foi um dos que mais prosperou com o comércio na região. Hoje, é o dono de metade do quarteirão em uma das principais avenidas⁵⁵ da cidade – inclusive o canto - onde instalou o barracão para os migrantes cearenses recém-chegados. A maior parte dos interlocutores o tem como referência, especialmente, porque foi um dos primeiros cearenses a trabalhar com as atividades comerciais, enquanto outros tentaram, inicialmente, adquirir e trabalhar na terra, porém sem êxito passaram a trabalhar no comércio, daí, seu Antonio passou a ser fornecedor dos contrerrôneos.

Para a autora Tereza Lisboa⁵⁶ é muito comum nas trajetórias pessoais os migrantes caracterizarem sua mobilidade pela busca de novas terras, já que, a maioria advém da zona rural. No entanto, é justamente a falta de acesso à terra que os faz procurar novas possibilidades de emprego e renda relacionadas ao trabalho na cidade.

Além disso, é possível perceber que a atividade como mascate, e posteriormente como comerciante estabelecido, não tem relação direta com as decisões de retorno, mas com a possibilidade de acumular capital e trazer novos parentes ou possíveis migrantes. À medida que em se tecem possibilidades de crescimento econômico e estabilidade financeira os benefícios abrangem mesmo os lugares onde as redes de parentesco são inexistentes podendo, assim, serem tecidas outras bases de relações que compartilham, não mais o parentesco, porém a ideia de pertencimento a uma mesma comunidade de

⁵⁴ Entrevista realizada em 06/01/2008.

⁵⁵ Esta é a Avenida Mendonça Furtado, ela aparece na lembrança de vários migrantes como o ponto de sua primeira morada. Ao que consta foi, em sua maior parte, ocupada por migrantes cearenses na década de 50. Algumas narrativas levam a perceber que, a partir da década de 80, os terrenos tornaram-se valorizados sendo vendidos para compra de outros em bairros mais distantes como Aldeia, Caranazal e Mapiri. Anotações de campo Julho de 2007.

⁵⁶ LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.

origem. Auxiliam-se aqueles que são percebidos como *conterrâneos*. Foi esta, por exemplo, a função do barracão construído por seu Antonio, um ponto de chegada e nova partida para os migrantes cearenses.

Não se pode esquecer que estes migrantes possuíam posições sociais diferenciadas, assim, não guardam somente a imagem do flagelado da seca ou do andante sem rumo, muitos deles – como seu Antonio – trouxeram algum dinheiro para investir, ou contaram com a ajuda de parentes para conseguir terra ou estabelecer um negócio. Vale ressaltar que o foco do estudo na migração da década de 50 acabou por delimitar um grupo de migrantes, ou de filhos de migrantes, atrelados às atividades comerciais, que por esta atividade construiu patrimônio e status na cidade.

Como conta Seu Joaquim,

“quando cheguei do navio [refere-se à viagem feita no navio Almirante Alexadrino] fui logo procurar o Juca no Mojuí, ele tinha terra e eu queria trabalhar (...) peguei um lote no Palhal. Cuidei mas não vingou, não! Aí foi o jeito vir pra Santarém. Eu não tinha dinheiro, mas procurei o Antonio que era parente da minha mãe, já sabia como ele fazia com os cearense e as coisas foram melhorando (...) Ele me fiou a mercadoria e eu andava pela cidade vendendo, aí, eu pagava e pegava mercadoria de novo, e fui indo, até hoje!”⁵⁷

De toda forma, a atividade com o comércio pode ser pensada a partir de alguns imperativos: “a escolha entre ‘trabalhar por si próprio’ *versus* a alternativa de ‘tornar-se colono’ [ou seja] a condição de trabalho na terra como pequeno proprietário (...) não é possível a todos (...)”.⁵⁸ E ainda, atividade de mascate está ligada a poupança, que está relacionada a privação, já que é necessário manter relação de dependência com um migrante estabelecido que possa lhe fornecer produtos mediante o longo período de sua ausência pelas cidades do interior. Da mesma forma, como bem percebe Truzzi⁵⁹ ao estudar imigrantes libaneses em São Paulo, a atividade de mascate possibilitava a

⁵⁷ Entrevista realizada em 26/07/2007.

⁵⁸ JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidades*. Chui/RS. Tese de doutorado. Rio de Janeiro : UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, 2000, p. 172.

⁵⁹ TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Idesp/Ed. Sumaré, 1992.

autonomia do trabalho e o acúmulo imediato de capital. Assim, Seu Joaquim se tornou dono de lojas em Santarém e cidades vizinhas.

Na verdade, as narrativas enunciadas por estes interlocutores são recheadas por uma dramaticidade. A forma como contam suas histórias tende a garantir que os seus ouvintes consigam apreender a dimensão do *sofrimento* pelo qual passaram. Sofrimento porque saíram de uma situação penosa, pelo trabalho árduo ao longo de suas vidas ou pelas privações em função do traslado. Estas pessoas sentem necessidade de justificar suas conquistas pelo *sofrimento*, por isso, constroem seus discursos na perspectiva de que seus interlocutores possam, também, validá-las reconhecendo o esforço empreendido em alcançá-las.

Ao estudar a ideia do sofrimento e a representação cultural da doença Núbia Rodrigues e Carlos Alberto Cardoso⁶⁰ mostram que a ideia e o sentido do *sofrimento* e da *cura* são capazes de construir elos - identidade(s) - entre pessoas. O *sofrimento* é uma categoria que comporta contradição de significados, pois, é ao mesmo tempo expressão de humildade/orgulho; destino/qualidade; resignação e coragem.

No caso dos *cearenses* em Santarém o sofrimento não só possui o sentido de reconhecimento pelo estado de penúria passado pelo migrante e seus descendentes, mas também cumpre uma função pedagógica no processo de socialização das gerações. Reconhecer a importância do sofrimento destas pessoas reforça o valor de sua cura/êxito ao se fixarem na cidade.

Foi o que aconteceu com o marido de Dona Margarida.

“Quando nós viemo pra cá pra cidade nós moremos ali na Mendonça. [Antonio] comprou um terreno, fez a casa e nós moramos ... depois que nós vendemo lá e comprezo o terreno aqui onde foi feita essa casa ... Depois que nós viemos para cidade ele começou a marretar, aí montou a taberna, dava pouco mais dava pra se manter”⁶¹.

⁶⁰ RODRIGUES, Núbia e CARDOSO, Carlos Alberto. *Ideia de ‘sofrimento’ e representação cultural da doença na construção da pessoa*. In: DUARTE, Luis Fernando Dias (org.) *Doença, sofrimento, perturbação, perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 1998.

⁶¹ Entrevista realizada em 18/10/2007.

Ao sair da colônia de Paxiubinha - onde residiram cerca de dez anos – o marido de Dona Margarida passou a pegar mercadoria com o irmão e mascatear nos bairros da cidade até conseguir montar uma taberna em frente a sua casa. Sua casa comporta grande parte de um quarteirão em um bairro residencial da cidade, ventilada, com amplas áreas de lazer, possui vários cômodos, pois “o finado fez quase um quarto pra cada filho”. Senhora de trejeitos modestos, mostra ter ciência do que o trabalho de seu marido e filhos conquistou. A relação do marido com o comércio foi essencial para inserir os filhos de Dona Margarida na atividade, hoje, são todos comerciantes em Santarém e cidades vizinhas.

Seu Francisco e Dona Amélia, filhos de migrantes, expressam o sentido do sofrimento gerado pela migração e o êxito ao se estabelecerem na cidade de outra forma. Em visita a sua casa por ocasião do aniversário de um dos seus filhos, o terceiro, Dona Amélia solta a “ladainha” quando o filho mais novo recusa-se a comer,

“ Quando eu era criança meu pai partia um ovo pra quatro filhos. Um ovo! Isso quando tinha. Agora esse põe banca pra comer. Ah, não sabe o que é sofrer. Quero quando ver tiver de comer farofa de tripa”⁶².

E Seu Francisco faz questão de completar contando para todos que quisessem ouvir a penúria que passou quando criança no sertão do Ceará, “quando tinha o que comer era farinha, a mãe repartia um pouco pra cada filho”. E finaliza se orgulhando de ter o freezer e a geladeira sempre cheios em casa.

Através destas narrativas importa perceber que tanto para os migrantes cearenses que aportaram na cidade na década de 50, quanto para seus descendentes, a imagem da fixação na cidade está relacionada tanto a solidariedade familiar, quanto ao árduo trabalho para a manutenção da própria família, bem como, a identificação de um grupo de semelhantes – conterrâneos – com os quais se poderia contar.

A percepção que eles fazem desse processo garantiu aos próprios a ideia de diferenciação deste grupo, não somente em relação aos processos migratórios anteriores

⁶² Anotações de Campo, 20/ 12/2007.

como, também, da sociedade já estabelecida. Criando, desta forma, conflitos e diferenciações identitárias com os locais.

Neste sentido, as narrativas dos migrantes cearenses e seus descendentes não só traçam a imagem do deslocamento, do trabalho, da luta diária, mas também, faz exsurgir sentimentos de pertencimento responsáveis pela composição de identidades.

1.2. Da diferença à identidade ou da identidade à diferença?

Conforme especificado anteriormente, entendo por *cearense*⁶³ não somente a pessoa que possui essa naturalidade, mas também, seus descendentes, ou seja, aqueles que se identificam ou que são identificados como tal, mesmo não tendo nascido no Ceará, porém, são assim denominados em função de suas relações de sociabilidade. A partir desta categoria passo a discutir a construção da diferença e a composição da(s) identidade(s) do grupo⁶⁴.

Posto que, segundo Hall as identidades acabam por invocar uma origem que residiria no passado com o qual desejam manter correspondência, neste caso, o estabelecimento de um novo grupo na cidade a partir de um determinado período histórico (década de 50) seria responsável por acionar esta identidade. Dessa forma, a composição da identidade dá conta “... não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”⁶⁵.

Seu Chico se expressa da seguinte forma,

“Quando chegemo aqui (em 1951), o paraense era espantado com a gente, parecia que não confiava. Aqui é bom pra quem quer trabalhar, tem quem lhe ajude... não liguei para o tratamento dado pra nós, me dediquei ao trabalho. Achava

⁶³ Termo que, de agora em diante, será grafado em itálico e passa a se referir tanto aos migrantes cearenses, quanto a seus descendentes nascidos neste Estado ou em outro.

⁶⁴ Portanto, trato esta categoria à luz das ideias de Barth entendendo-os como “um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se construísse uma categoria diferenciável de outras do mesmo tipo”. Neste sentido, atribuir ou ser atribuído como *cearense* classifica uma pessoa em termos de uma identidade determinada por sua origem em relação ao meio em que vive. É justamente essa categorização que dá ao grupo seu sentido organizacional. BATH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998, pp. 188-189.

⁶⁵ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p109.

muito baixo as pessoas que apelidavam nós de arigó, eu não tinha raiva, pelo contrário eu achava era bonito! Meu objetivo era trabalhar”⁶⁶.

Norbert Elias⁶⁷ ao analisar uma pequena comunidade na Inglaterra, interpreta os conflitos existentes entre os *estabelecidos*, formados pelas “famílias antigas” da comunidade e que se consideravam as “pessoas melhores”, superiores em relação aos *outsiders* que, neste caso, são representados pelos “de fora”, as pessoas recém estabelecidas na região, consideradas “humanamente inferiores”. O estudo de Elias ajuda a pensar a relação entre os *paraenses* – estabelecidos – e os *cearenses* – outsiders -, à medida que esses dois grupos criam normas de convivência baseadas no paralelo superior/inferior, no qual o comportamento de ambos os grupos espelham-se nos conflitos existentes entre eles.

Para quem - como eu – nasceu e cresceu em uma família de *cearenses*, numa cidade do interior, como Santarém, foi ensinado a dividir as pessoas em dois grupos os *cearenses* e os *paraenses*. Aprendeu também que nós – os *cearenses* - éramos diferentes dos outros – os *paraenses* -, posto que, tínhamos coisas que nos particularizavam como: as extensas relações familiares; casamentos com pessoas da mesma origem, consideradas “parentes”; o trabalho com o comércio, entre outras coisas. Na verdade, éramos estimulados a nos ver assim porque também éramos tratados como diferentes.

Como recorda Ana, que chegou a Santarém no início dos anos 90 com aproximadamente 12 anos de idade. Ao chegar foi morar com os pais e dois irmãos na casa da avó materna, em seguida, estava matriculada na escola mais próxima para continuar seus estudos. Desta época lembra com certa angústia, pois, o processo de adaptação haveria de ser demorado, então, relata

“quando cheguei na sala não conhecia ninguém, já era estranho! Aí, veio a professora pra pedir pra me apresentar. ... Disse que tinha vindo do Ceará, logo ecoou no fundo da sala a exclamação: - Ih, é arigó!!! No começo não entendi, mas depois sofri muito! Ninguém perdoava, tudo que dava errado era coisa de arigó!

⁶⁶ Entrevista realizada em 06/01/2008.

⁶⁷ ELIAS, 2000, op. cit.

[Como se sentia em relação a isso?] No início me incomodava. Eu xingava e brigava, mas depois fui entendendo que eu era *arigó* mesmo...

Eles [os paraense] não têm o jeito da gente, parece desligado das coisas... a gente não. A gente trabalha, a gente sabe quem é quem, se tu me perguntar sei te dizer tudinho, quem casou com quem da família, quem é filho de quem... Tu sabe. Primeiro a gente é filho de alguém para depois ser a gente. Eles não, a gente não sabe nem de onde vem!”⁶⁸

Segundo Benchimol⁶⁹, o apelido *arigó* foi utilizado para denominar os retirantes nordestinos que chegaram à Amazônia partir de 1940, a alcunha refere-se a uma ave migratória que se movimenta em grupo e alimenta-se de vermes e peixinhos, ela muda não se contendo em permanecer em determinado lugar, pelo menos, num certo período.

Assim, na cidade o termo passou a ser utilizado para designar os cearenses e seus descendentes que chegaram “em bando”, como foi o caso das famílias vindas na década de 50. Carregado de sentido pejorativo, o apelido tentava mostrar que esses migrantes e seus descendentes constituíam um grupo a parte na cidade, vivendo aos montes, passando pelas situações mais adversas possíveis. Por isso, o relato de Ana expressa diferenciações muito próprias que fizeram/fazem parte de vida dos cearenses em Santarém.

Seu Chico e Ana mostram que a construção do que significa ser *cearense* foi tanto um processo de atribuição, quanto de autoatribuição, por isso, a identidade acionada significa

“...o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar ... Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir embora ‘sabendo’ sempre que elas são representações, que é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas podem nunca ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos”⁷⁰.

⁶⁸ Entrevista realizada em 22/07/2007.

⁶⁹ BENCHIMOL, 1999, op. cit., pp.146-151.

⁷⁰ HALL, 2000, op. cit. pp.111-112.

Se *cearenses* e *paraenses* são diferentes, onde reside esta diferença? Nesta relação conflituosa, os *cearenses* passaram a ser identificados por, aparentemente ou quase sempre, pertencerem a famílias extensas e pelos casamentos com pessoas do próprio grupo consideradas “parentes”. Assim, há a compreensão de que “todo arigó é parente”. Tal identificação pode ser percebida por uma composição de sinais sociais como, por exemplo, estando associada ao fato de trabalhar no/com o comércio varejista e por frequentar um clube específico - o Comercial Atlético Cearense - fundado na década de 60⁷¹.

Por outro lado, os *paraenses* são vistos como pessoas “preguiçosas”, não afeitas ao trabalho, pessoas em que “não se pode confiar”. O maior conflito em torno destas duas categorias gira ao redor do *trabalho*. A queixa dos *cearenses* segue no sentido de perceber que ‘paraense só trabalha quando não tem o que comer’, além disso, é alguém que vive mais de sua esperteza do que de seu labor.

Neste sentido, a identidade do grupo foi sendo construída proporcionalmente a diferença do outro, por isso, a marcação desta diferença envolve o problema da negação de que haja similaridades entre os dois grupos⁷².

Essas diferenças identitárias também foram transferidas para as relações de gênero⁷³ e construíram dicotomias na lógica destas pessoas e de seus espaços, criando perfis para homens e mulheres com pesos e medidas diferenciados de masculinos e femininos, *cearenses* e *paraenses*.

⁷¹ O clube figura como um dos principais espaços de sociabilidade e distinção identitária do grupo. Esta discussão será retomada no segundo capítulo.

⁷² WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p109.

⁷³ A historiadora Joan Scott define *gênero* como a relação socialmente construída entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, modificando-se de acordo com o contexto histórico e cultural. Desta forma, estabelece-se o caráter relacional do conceito, ou seja, o masculino só pode ser entendido em relação ao feminino, ou vice-versa, criando, dessa maneira uma dualidade ou dicotomia entre tais papéis sociais. Papéis sociais estes que são entendidos como padrões ou regras de comportamento estabelecidos pela sociedade de acordo com o gênero. SCOTT, Joan *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre: Vozes, v.16, n.12, 1990

Sobre as mulheres *cearenses* recaem os benefícios de serem “boas moças para casar”, pois são “bem criadas”, e não possuem trânsito intenso no espaço público e suas relações com figuras masculinas são mediadas pelas relações familiares. Já os homens *cearenses*, guardam suas qualidades baseadas no afinho ao trabalho, à poupança e ao bem-estar da família.

A suposição de que tais qualidades estariam naturalizadas em mulheres e homens *cearenses* acabam por construir valores fundamentais, que juntos a traços diacríticos ajudam a compor a identidade do grupo⁷⁴.

Percorrer os caminhos apresentados por meus interlocutores levou-me a encruzilhadas criadas pela composição dos discursos, pela contradição entre o que se faz e o que diz que se faz a respeito do *outro*. Pude compreender que as fronteiras entre *cearenses* e *paraenses* não estão demarcadas por estruturas sólidas, estão - melhor dizendo - borradas, matizadas pela compreensão do que possa aproximar-se, ao mesmo tempo, dos valores fundamentais e dos sinais de diacríticos que caracterizam o grupo.

Foi neste contexto que Helena, cearense de naturalidade, porém morando a pouco mais de cinco anos em Santarém, foi rechaçada por suas primas em uma festa de família. A queixa residia no fato de Helena passar mais tempo com os amigos de sua escola – *paraenses* – do que com os parentes. Além disso, o comportamento “oferecido” de Helena aos homens disponíveis na festa certamente não agradou as mulheres em geral. Daí o julgamento impetuoso sobre seu comportamento:

“Caboclo é assim mesmo, não é como a gente que sabe se comportar. Ela é assim, vem lá do interior do Ceará e a mãe não põe rédea.”⁷⁵.

Neste sentido, para garantir a integração ao grupo e ter a si atribuída a identidade, não basta possuir a naturalidade, é necessário alinhar-se aos

⁷⁴ Como traços diacríticos aparecem: ter seu primeiro trabalho na loja de algum parente, já para os homens, aparece detalhes como ter um “comércio no mercado”, montar loja no garimpo e comprar uma moto. Embora estes detalhes possam ser vivenciados por qualquer pessoa, é interessante como eles próprios destacam tais diferenças como definidoras de sua identidade, e, dependendo da geração, elas são marcadas por uma ou outra característica, na terceira geração, por exemplo, aparece a preocupação com a formação em nível superior.

⁷⁵ Anotações de campo em 10/08/2008.

comportamentos e adaptar-se aos jogos identitários, cujas regras não estabelecem fronteiras certas.

Segundo Denise Jardim, a atuação destes migrantes em redes de relações e de informações estabelece posições diferentes para estabelecidos e recém-chegados. No entanto, algumas inserções de recém-chegados são garantidas pelas posições sociais assumidas por quem já se estabeleceu. Porém, quando o migrante não produz o comportamento esperado passar a estar associado ao estrangeiro, ou seja, de fora do grupo⁷⁶.

Estas fronteiras, matizadas conforme aproximação ou distanciamento de padrões valorativos, aparecem na vida de Lúcia, *paraense*, casada há dez anos com João *cearense* da segunda geração. O relato de ambos revela a matização destas fronteiras, segundo Lúcia,

“Quando comecei a namorar o João pensei: ‘Nossa ele é arigó! Como que vai ser isso? Com certeza ele é solto no mundo.’ Pensei que a família dele não ia me aceitar... escutava aquela história de primo que casa com primo, até de tio que casava com sobrinha, aí eu pensei: ‘Vou tirar meu cavallinho da chuva’... mas fui ficando e conheci toda a família dele, no início me olhavam de ponta de olho – confesso que eu também olhava – mas fui vendo que eram como a minha família, porque a gente gosta muito de festa em família, gosta de se reunir.

[Como a família dele te aceitou?] A mãe dele me aceitou depois que percebeu que eu era caseira e que não deixava faltar nada a ele... hoje, ela não passa um dia sem me ligar, eu não sei o que é sogra ruim”⁷⁷.

“Quando eu e ela [Lúcia] começamos a namorar eu sei que minha mãe rezava para eu deixar ela... hoje sei que ela reza pra Lúcia não me deixar.

[Foi difícil eles aceitarem a Lúcia?] Não sei se foi... a Lúcia tinha um comportamento e ela não saía sozinha - o pai dela era muito rígido – e ela também não queria um homem barriga branca [homem que é mandado pela mulher]... acho que esse era o maior medo de meus pais: ter um filho barriga branca”⁷⁸.

⁷⁶ JARDIM, 2000, op.cit. p. 121

⁷⁷ Entrevista com Lúcia realizada em 05/02/2008.

⁷⁸ Entrevista com João realizada em 05/02/2008.

Hoje, Lúcia compartilha os traços identitários do marido, aprendeu a fazer cuscuz, gosta de forró e até a linguagem, segunda ela, mudou. “Aprendi a falar cearês”. Por isso, segundo Halll, é precisamente

“porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras inteiriça, sem diferenciação interna”⁷⁹.

Até agora, tratei do tema da identidade *cearense* a partir de discursos e pessoas que, ou possuíam a naturalidade direta, ou vivenciaram de forma direta o processo de fixação na cidade. O que dizer da terceira geração de *cearenses*? Dado que esta possui como registro a naturalidade paraense. Onde se localizam estas pessoas? Como se constrói o seu discurso? A elas me atendo agora.

Leandro, filho e neto de *cearenses*, faz parte da geração que nasceu em Santarém, aos 27 anos, divide seu tempo entre a faculdade em Belém as idas a Santarém – onde moram os pais e avós – e o Ceará – onde possui parentes. Diante da interrogação sobre ser cearense exclama,

“Depende! Às vezes nem eu mesmo sei... Acho assim: quando estou em Santarém sou cearense porque minha família é, meus amigos são... Lá eu me sinto, sei que sou diferente dos *paraenses* de lá. Quando estou em Belém sei que sou de Santarém... mas quando vou ao Ceará... aí é um problema! Porque vejo que sou *paraense*. Sinto saudade de açai, de tacacá, de tudo que lembre o Pará. Confuso isso!”⁸⁰

Embora Leandro ache confusa a ausência de uma única identidade na qual possa se fixar, deixa de perceber que é particularidade de sua geração a multiplicidade de identidades. Ele, na verdade, mostra que cada espaço no qual transita aciona, por sua

⁷⁹ HALL, 2000, op. cit. p. 109

⁸⁰ Entrevista realizada em 25/02/2008.

vez, uma identidade diversa. Como tantos outros de sua geração vivem no “entre lugar”, à medida que a fronteira de sua(s) identidade(s) faz-se presente nos lugares no quais circula. De acordo com Bhabha, meu interlocutor usa o poço da escada, desta forma, “o ir e vir ao poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais”⁸¹.

Acaba-se produzindo não a negação de uma ou outra identidade, mas sim, a negociação entre elas, cada qual em seu espaço, arrumada em suas circunstâncias. Assim, “a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada... é sempre a produção de uma imagem de identidade a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem... implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade”⁸².

Na verdade, o que se acaba por construir consiste em um duplo jogo de identidade que transita entre o público (o espaço onde se mantém a interação com outros setores) e o privado (espaço onde se mantém a interação com a origem). Segundo Vitar, o que importa perceber é que a construção da identidade, pelo menos em uma de suas facetas, supõe um processo contextual e relacional no qual as definições identitárias se realizam frente ao outro⁸³.

⁸¹ BHABHA, Homi, *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999, p. 22.

⁸² Idem, p. 76

⁸³ VITAR, op.cit. pp. 112113.

2. “Perdi a conta na hora da festa”: família e casamento

*A prima nasce para o primo
O casamento foi marcado
No ato mesmo da concepção
Entre os primos é eleito o primo
Que melhor convém ao tratado.
(...)
Assim nascem todas as primas,
Destinadas ao matrimônio
Do outro lado da rua*

(Trechos do poema “Romance de primos e primas”
de Carlos Drummond de Andrade)

Neste capítulo pretendo discutir os espaços de sociabilidade vivenciados pelos interlocutores, bem como as relações familiares e a forma pela qual estas relações acabam por tecer namoros e casamentos vinculados aos espaços de sociabilidade e a origem comum.

2.1. Tecendo punho de rede: sociabilidade(s)

Ao chegar à casa de Dona Tereza, para uma conversa mais formal do que de costume, encontrei-a tecendo o punho de uma rede. Sentada na cadeira, ela esticava o fio até um dos pés, passando por seu dedo e voltava para junto de seu corpo, onde encontrava a casa na qual deveria se encaixar para, só depois, voltar a seus pés e ao fim da repetição do processo, com todas as casas preenchidas, era amarrado, formando o encaixe que se fixa ao armador. Explicando-me passo a passo para empunhar a rede, lembrava que o punho é mais importante, porque não adianta ter um tecido bom com um punho ruim porque, assim, “a rede não dura, ela desajeita”.

Desta forma, percebi que olhar as redes de sociabilidade, ou melhor, os punhos que criavam a rede importavam para entender a articulação do grupo. Percorrer os caminhos que levam aos espaços de sociabilidades de meus interlocutores e, mesmo, participar desse processo requer a sutil percepção de como constroem suas diferenças. Para tanto, a este trabalho mostro três momentos/espços de sociabilidade: o comércio ou loja; o clube (Comercial Atlético Cearense) e as reuniões familiares, que se dividem em dois pontos: as casas e os balneários (igarapés e praias).

Observando e, por ora, narrando estes espaços, busco mostrar a construção e forma como é negociado o valor e o sentido de família, por conseguinte, a tessitura de um delicado mercado de relações que podem se desdobrar em várias finalidades como namoro e casamento.

Os espaços criados para sociabilidade compõem um jogo interativo onde interesses e necessidades convergem em um sentimento de sociação entre os membros deste grupo – *cearenses* – e a satisfação derivada disto⁸⁴. Entendo esses espaços, e formas de sociabilidades que deles derivam, como maneiras de comunhão de interesses recíprocos e prazeres comuns, bem como, um sentimento de pertencer a uma comunidade.

Desta forma, percebo-os como necessários para compreender as costuras que permeiam as redes de relações e parentesco que se construíram ao longo do processo de fixação na cidade. Assim, o conceito de sociabilidade torna-se útil por garantir a compreensão das redes de relações estabelecidas e da construção da própria identidade e dos elementos que a compõe⁸⁵.

Todo *cearense* é comerciante. Esse ideário permeia o universo destes interlocutores, mesmo no mito da origem do grupo na cidade. A atividade com o comércio foi incorporada aos seus valores. Necessariamente, ousou dizer, todos que ali convivem exercem ou já exerceram atividades comerciais - quer seja como proprietário, quer seja como empregado na loja de algum parente. Por esta razão, caminhar nas áreas comerciais⁸⁶ de Santarém é para o grupo estar entre semelhantes⁸⁷.

⁸⁴Cf: SIMMEL, Georg. *Simmel Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

⁸⁵ Rodrigues utiliza o conceito simmeliano para pensar a rede de relações construída por migrantes ribeirinhos no bairro do Jurunas em Belém, o que dará ao bairro uma identidade própria. RODRIGUES, 2008, pp.53-58.

⁸⁶ Destaco três áreas comerciais onde é possível perceber a maciça presença de *cearenses*: a zona comercial do centro da cidade, o Mercado Modelo e suas adjacências e Mercado 2000. Essas são as áreas em que se pode encontrar cearenses em número maior, no entanto, há de se considerar que uma boa parte possui seu comércio nos bairros em que residem.

⁸⁷ Não existe na cidade estudo que levante a quantidade de comerciantes com naturalidade cearense, ou que deles tenha descendido. A Associação Comercial e Empresarial de Santarém (ACES) e a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) não possuem levantamento nesta área, no entanto, é perceptível que grande parte das lojas pertence a esse grupo. Jardim destacou a mesma dificuldade para obter dados numéricos da presença de palestinos no Chuí, embora a atividade comercial fosse extensa entre esse grupo. JARDIM, 2000, op.cit.

Andar pelas ruas do comércio é sempre encontrar alguém com quem se pode conversar; lojas de parentes onde pode tirar a crédito sem precisar de burocracia; escolher roupas que se pode levar para casa e experimentar e depois, devolver... Enfim, o comércio acaba sendo uma extensão da casa de muitos interlocutores, posto que é o lugar onde passam a maior parte de seu dia. Nele fazem suas refeições (em geral o café da manhã e o almoço), esperam os filhos que chegam da escola ou os colocam para desenvolver suas atividades escolares. A loja aparece como o lugar onde não só se mantém relações de trabalho, mas onde o *cearense* dirige a sua vida familiar.

O desenho da área comercial⁸⁸ é propício a esta dinâmica. Composta por ruas estreitas ocupadas por lojas de ambos os lados, todas coladas uma a outra, grandes ou pequenas, com ou sem vitrines, dificilmente sai-se de uma e não se entra em outra. Como zona comercial, tomo as ruas que compreendem horizontalmente da avenida Tapajós até a avenida Rui Barbosa e, verticalmente, a área entre a travessa Barão do Rio Branco e a travessa Francisco Corrêa. Neste entorno estão localizadas as maiores lojas do mercado a varejo, bem como as principais instituições financeiras e de bens e serviços. Nesta localização, os pontos comerciais são mais disputados e raramente ficam vazios.

Comumente se vê, ao início da manhã ou ao final da tarde, comerciantes a porta de suas lojas debatendo os assuntos mais variados, desde o apurado do dia ao movimento do mês ou da semana, ou mesmo, acerca de um evento familiar.

As lojas que pertencem aos cearenses na zona central são, em geral, lojas de confecções (adulto e infantil), tecidos, sapatarias, artigos de casa (loja de importados), papelarias, lanchonetes, farmácias, etc. Não existe um padrão de produtos por ruas e/ou quarteirão, em um mesmo quarteirão, é possível encontrar diversidade de lojas⁸⁹.

⁸⁸ As descrições deste tópico referem-se à área comercial do centro da cidade, posto que foi onde aconteceu a maior parte das entrevistas e onde consegui um maior número de informantes. Embora tenha circulado pelas áreas do Mercado Modelo e do Mercado 2000, em função tanto da pesquisa, quanto de minhas relações, estas observações só constarão em minhas análises como adendos, pois considero que mesmo nestes outros espaços as dinâmicas de relações são as mesmas.

⁸⁹ Em períodos anteriores estudos mostram a possibilidade de encontrar, em Belém, uma profissão em uma mesma rua fazendo com que cada rua guardasse sua especialização comercial. Em Santarém, somente nas áreas dos mercados a distribuição das lojas é diferente. Nestas áreas, por uma questão de distribuição do governo municipal, é possível encontrar espaços só com lanchonetes, só com lojas de artigos de vestuário e calçado. As ruas adjacentes a esses mercados, em grande parte, são ruas especializadas em algo como: supermercado, loja de secos e molhados, de artigos para pesca, artigos

No entanto, se por um lado não é possível perceber a especialização de produtos nas ruas comerciais, por outro, é possível visualizar que uma mesma família possui várias lojas em uma rua. Embora sejam negócios separados, pode-se perceber que no quarteirão, ou na extensão da rua, irmãos possuam mais de uma loja, ou mesmo, pais e filhos, ou primos e primas. Geralmente, estas famílias acabam comercializando o mesmo produto, ou seja, todos com lojas de confecção, ou produtos de beleza, ou armarinho, ou sapatarias. Há, ainda, a possibilidade de uma mesma família possuir dois tipos de comércio, como armarinho e farmácia; loja de confecções e lojas de calçados; farmácia e lojas de calçados; etc.

Para Denise Jardim, ao analisar o número de lojas de imigrantes árabes no Chuí, importa perceber que a atuação destes migrantes em redes de relações e de informações estabelece posições, “esses vínculos significam também uma possibilidade de ingresso na vida social... um reconhecimento mútuo desses migrantes como participantes nas redes de poder local, mesmo que estando à margem de decisões administrativas da localidade.”, ou seja, “o que se passa nestes jogos de poder e na disputa por lugares melhores é também expresso nas disputas espaciais por lojas melhores situadas e a possibilidade de, de fato, conquistá-los”⁹⁰.

Piscitelli⁹¹, ao trabalhar com grupos empresariais, procura entender as relações de gênero e parentesco que percorrem as sucessivas administrações destes grupos. A autora mostra que um mesmo negócio é fruto de discussão familiar causando rupturas tanto na gestão dos negócios quanto na própria família. No caso dos *cearenses*, a família com negócios correlatos, embora separados, trazem a possibilidade de aproximação familiar. O comércio não é um fator de disputa familiar, ao contrário, é percebido como agregador.

Exemplo da “especialização” mercantil, os irmãos Flores e os irmãos Cravos preservam negócios no mesmo ramo comercial. Os Flores são donos de armarinhos e farmácias nas travessas dos Mártires, XV de Agosto, Siqueira Campos e no Mercadoão

veterinários, etc. Cf: AGUIAR, 2002, op. cit. e CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém – 1870-1920)*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Econômica na Universidade de São Paulo, 2006.

⁹⁰ JARDIM, 2000, op.cit, pp. 121-122

⁹¹ PISCITELLI Adriana. *Jóias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

2000. Ao todo são cinco lojas que pertencem a três irmãos especializadas nos mesmos produtos. Já os três irmãos Cravos possuem cinco lojas na travessa dos Mártires e uma loja na Rua Galdino Veloso. Todas vendendo confecções adulto e infantil. No caso dos irmãos Cravos, cada um possui duas lojas. Volto a lembrar que em ambos os casos as lojas são administradas separadamente, ou seja, não fazem parte de um grupo empresarial familiar.

O fato de possuírem lojas de produtos comuns revela que a iniciação no mercado de trabalho é feita com o suporte familiar,

“Comecei a trabalhar com confecção quando trabalhei com o José Maria (irmão mais velho) na loja que ele tinha. Mesmo depois de casado continuei trabalhando com ele no ramo da confecção popular, eu e minha mulher trabalhando com ele, depois de algum tempo abri a minha loja com ela (esposa)”⁹².

“... Meu pai trabalhava com armarinho, ele tinha uma portinha na Lameira com a travessa dos Mártires, aí a gente (ele e os irmãos) foi aprendendo, ajudando ele e aí ele me passou o ponto”⁹³.

O espaço comercial configura-se lugar importante para o(s) *cearense(s)*, pois solidificam relações familiares, laços de solidariedade com conterrâneos, um espaço onde se constroem a ascensão social e a sobrevivência. O trabalho no/com o comércio faz parte do discurso do sofrimento. Por isso, ele também figura como fator de ascensão social⁹⁴. Para a maior parte destas pessoas o comércio tornou-se o lugar onde se inicia sua vida laboral e onde se mantém relações de trabalho a partir das redes de relações familiar.

Verónica Trpin⁹⁵, ao estudar a migração de chilenos para zonas rurais da Argentina, fornece dados importantes para pensar a relação *migração – família – trabalho*. Segundo a autora, as informações necessárias à migração são adquiridas através de “pessoas de confiança”, no caso, a família. Ela é a responsável pela conexão e inserção nas atividades laborais ajudando no aprendizado das tarefas.

⁹² Entrevista realizada com Francisco Flores em 18/07/2007.

⁹³ Entrevista realizada com Pedro Cravos em 19/07/2007.

⁹⁴ Jardim, 2000, op.cit, p.172

⁹⁵ TRPIN, Verónica. “Identidades en movimiento: familias chilenas en la fruticultura del Alto Valle de Rio Negro, Argentina” *In*: Cuadernos Pagu. Dezembro de 2007, n. 29, pp. 227-255.

A família exerce a função de socializar seus membros numa identidade laboral e *cearense* que se prolonga através das gerações garantindo a permanência da atividade comercial como característica familiar. Ao mesmo tempo em que se desenvolve a estabilidade e a fixação na cidade, esta socialização, é responsável por formar uma identidade de grupo.

Assim, a trajetória familiar é responsável por determinar o tipo de mercadoria que se irá comercializar. A especialização comercial entre os membros de uma mesma família facilita, também, a compra de mercadorias. Assim, é possível fazer uma única compra que abasteça a todos conseguindo preços melhores, ou ainda, utilizar a viagem de um irmão para, também, comprar mercadorias aos outros. A ação de comprar mercadorias para revenda nas lojas, também, é responsável por qualificar as imagens com as quais eles se identificam à medida que a principal área de compras é a capital cearense – Fortaleza. Neste sentido, muitos refazem seus laços de origem através das viagens para compra, ou mesmo, da venda diária de produtos oriundos do Ceará⁹⁶.

O processo de comercialização de mercadorias é intermediado por um corretor, geralmente um parente que reside em Fortaleza, que fica com a responsabilidade de agendar visitas dos clientes aos fornecedores e transportá-los⁹⁷. Assim, vendem-se as melhores redes, os mais bonitos biquínis e cangas, a moda feita para um ano inteiro de calor do jeito da capital cearense.

O peso da rede de relações familiares, também, pode ser percebido na hora de se empregar. Tomemos como exemplo a Loja Ceará⁹⁸ que trabalha, em sua maior parte, com confecções femininas compradas na capital cearense. O dono da loja migrou ainda criança com os pais e seus irmãos e a loja figura em um dos pontos mais nobres do centro comercial. Quem gerencia a sua loja é sua irmã, quem organiza o caixa é sua

⁹⁶ Estas viagens também servem para visitar parentes que por lá ficaram e reforça a ligação origem e destino. Truzzi propõe que os estudiosos da migração pensem este processo como um *sistema migratório* que “conecta duas ou mais sociedades, cada uma composta de vários grupos sociais com diferentes interesses”, ou seja, como o movimento que envolve grupos na região de origem e na região de destino, por certo período de tempo, assim, alimentam relações que inibem ou estimulam deslocamentos. TRUZZI, 2008, pp. 145-160.

⁹⁷ Atualmente, outras rotas de compras têm sido utilizadas na tentativa de variar as mercadorias. Duas se destacam: São Paulo e Minas Gerais. Até onde pude apurar, ainda, é necessário a intermediação do corretor por coincidência, ou não, o corretor a quem fui apresentada por ocasião de suas férias na cidade era cearense.

⁹⁸ O nome da loja é fictício.

prima ou sua esposa; seus funcionários, geralmente, são sobrinhos, filhos de primos ou parentes em algum grau. Seus filhos se movimentam por todos os setores da loja, ora no caixa, ora repondo mercadorias, ora tratando com fornecedores. Embora as divisões e hierarquias existam neste contexto, a sensação é de que elas parecem ser mediadas pelas relações de parentesco. Afinal, sempre há de se escutar no trato destas pessoas diálogos que lembrem suas relações familiares.

Um simples “Tia! Dá pra fazer mais desconto na calça?”, quando a vendedora se dirige a gerente. Ou ainda: “Prima, desce a mercadoria pra gente repor!”. E mais: “Mãe, o cheque do seu do João tá pronto?”, mostra que ali não se estabelece apenas uma relação comercial, mas expõe o fato de que o trabalho está construído baseado e garantido pelas relações familiares. Além disso, essa relação familiar também garante a fidelidade da clientela, o que pode ser percebido quando a gerente atende a nora de sua prima que foi comprar presente para a sobrinha do marido.

O fato de muitos *cearenses* terem construído suas vidas a partir do comércio deu a própria área comercial (ruas, lojas, instituições financeiras) múltiplos sentidos. Assim, o comércio tornou-se o lugar de trabalho, mas também o local de planejar as festas, de combinar a reforma da casa, o lugar onde estabelecem relações de vizinhança – “Vai pegar umas sacolas na loja de fulano”, ou, “Vê com a vizinha se ela empresta um cento de sacos de presentes pra mim!”. A dinâmica do comércio é garantida pelo som do tocador a cada porta de loja cantando “forró para chamar os fregueses”, pelas cores das roupas vindas de Fortaleza, pelo cheiro do café servido aos fregueses. É nesse local que as conversas se estendem, que pude saber sobre a vida e os negócios de “todo mundo”. O comércio, tal como a casa, configura-se no lugar seguro para os filhos transitarem, assim, é comum ver crianças e adolescentes transitando pelas lojas dos tios ou primos, ou mesmo, fazendo o mandado dos pais.

Quando andava Laís, seu irmão mais novo, uma amiga dela e eu pelo comércio, a amiga de Laís se admirou da falta de preocupação com a segurança da criança e logo interrogou a respeito da despreocupação da amiga com irmão, que adiantava o passo à frente, perguntado se não tinha medo que ele se perdesse. Laís garantiu que isso não poderia acontecer,

“Mana, qualquer loja que ele entre vai encontrar algum parente. Não tem como se perder”⁹⁹.

As ruas do centro comercial figuram como espaços familiares, como espaços para encontrar a família e conterrâneos decorrendo, assim, um fluxo considerável de crianças que se divide num vaivém entre lojas de parentes, em companhia de outros primos, fazendo de máquinas de calcular, de papéis de presente, de fitas e cabides, novos brinquedos a sua realidade. O espaço e a presença das crianças são aproveitados para garantir a educação na economia, sendo elas estimulas a interagir com o dinheiro, com os preços, com a marcação das etiquetas e com a marcação das mercadorias¹⁰⁰.

Embora a área comercial seja um importante espaço de socialização, ainda assim, arruma-se como lugar onde se trabalha, onde é necessário ganhar a vida e produzir o sustento da família, mesmo que nele se produza momentos lúdicos - através do cafezinho da tarde, das conversas à porta da loja – este não é o espaço do lazer. Para isto, são criadas dinâmicas outras em espaços diferentes, neste sentido, privilegiam-se dois lugares o clube e áreas familiares¹⁰¹.

O clube frequentado por este grupo leva, inclusive, sua denominação. O Comercial Atlético Cearense (CAC). Fundado em 20 de Junho de 1966, em um terreno doado, foi construída uma sede social, área para churrascaria, duas piscinas, parque infantil, quadra de esportes e campo de futebol. A participação no clube era feita diante da aquisição de títulos para associar-se. Por muito tempo, o clube foi o principal espaço da vida social dos *cearenses*, possuindo um calendário de eventos conforme festividades anuais.

Em fevereiro, os tradicionais eventos realizados eram o *Baile do Havaí*, *Baile da Jangada* e festa de carnaval para as crianças – sempre realizada ao final da tarde. Tais

⁹⁹ Anotações de campo em 20/12/2008.

¹⁰⁰ A presença de crianças no espaço público tem sido evidenciada por diversos historiadores em vários momentos históricos, para tanto conferir FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Memórias da infância na Amazônia. In: DEL PRIORE, Mary. *Histórias da criança no Brasil*. São Paulo contexto, 1999, pp.321-346; ARIËS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981; MOTTA-MAUÉS, op. cit.; SERRA, Márcia Milena Pivatto, Algumas considerações sobre circulação de crianças no Brasil e sua distribuição por regiões. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v. 20, n. 2, pp. 229-239; FONSECA, Claudia. “Pais e Filhos na Família Popular”. In: D’INCAO, Maria Ângela, (org). Amor e Família no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 1989, p. 95-128.

¹⁰¹ Para narrar o espaço do clube faço, aqui, uso de minhas lembranças aliadas às narrativas dos interlocutores.

eventos eram realizados na quadra de esportes e na área da piscina. A área da churrasqueira servia de bar para os brincantes. Todo o ambiente ficava decorado a estilo da festa e animado por bandas que tocavam ao vivo. Estes bailes duravam até o amanhecer.

No mês de maio, ocorre o evento mais importante: *O Baile das Debutantes*. Quando são apresentadas à “sociedade cearense” as “jovens flores”. O baile é responsável pela iniciação das meninas-moças. A partir de então, elas poderão circular pelos eventos sociais. Antes disso, as meninas são “preservadas” para não ficarem “faladas” e serem a “novidade” da festa.

Inicialmente, o clube só aceitava a inscrição de filhas de associados ou de pessoas de origem nordestina, porém, ao passar do tempo tornou-se possível que pessoas fora desses perfis pudessem inscrever suas filhas mediante o pagamento de inscrição, coisa que não era cobrada aos associados. Todavia, as entradas destas meninas ao salão eram sempre seguidas da pergunta “É filha de quem?”. O burburinho se espalhava até que se chegava a conclusão que seus pais não pertenciam ao meio do clube. Eram as menos aplaudidas, pois não conseguiam adesão dos outros aos aplausos puxados por sua família.

O baile possuía uma estrutura permanente no que se refere apresentação da debutante. Apresentada pelo mestre de cerimônia, ela aparece de forma suntuosa no salão, onde era recebida pela mãe, com uma rosa, e conduzida pelo pai para apresentação à sociedade. Durante o desfile, o mestre de cerimônia narra pequeno histórico de sua vida adjetivando-a como “menina-flor que desabrocha para sociedade nesta estação primaveril”, ou ainda, “menina angelical de beleza suprema”, frases que possam valorizar a apresentação e a debutante. Logo após, todas as debutantes são chamadas ao salão para bailar a valsa com o pai e o “namorado”. No entanto, muitas dançam a valsa com seus irmãos ou primos, ou um jovem cujos pais se encarregam de convidar. Em alguns casos, estes parceiros de valsa se tornam o primeiro namorado com incentivo e aprovação paterna. Segue a festa e a disputa para ver qual família consegue ser a mais animada e permanecer no evento até o amanhecer.

Em junho era realizada a festa junina. Também no espaço externo do clube com eventos separados para crianças e adultos. Geralmente, as recém-debutantes participavam de alguma dança para começar o processo de socialização no clube.

O último evento do ano consistia no baile de ano novo, realizado em dezembro na sede social. O baile era decorado a caráter para reunir seus participantes na comemoração da virada de ano.

O clube é dirigido por um presidente e um vice-presidente, além de diretores de áreas (esporte, lazer, finanças, etc.). Teoricamente, eleitos entre os associados. Conta, ainda, com uma secretária e um casal de caseiros que habita nas dependências do clube.

Apesar da associação ao clube, a maior parte destes eventos exigia a compra de mesas tanto do associado quanto do não associado, no entanto, estes últimos sempre pagavam preços mais elevados. A construção do CAC ocorre como meio de garantir formas de lazer aos *cearenses*, posto que estes não podiam participar dos outros clubes da cidade¹⁰² - considerados como “clubes chiques” – que impossibilitavam sua associação,

“Eles (os clubes) barravam a nossa participação. Neles se realizavam as festas mais chiques... Quando aceitavam um cearense era porque ele tinha muito dinheiro”¹⁰³.

Voltado para a simplicidade do povo nordestino, em oposição ao refinamento da elite santarena, o clube durante as décadas de 60 a 90 consistia na principal forma de lazer e associação do grupo. Tanto para as famílias quanto para os jovens, o clube servia como um mercado de negociação simbólica para encontrar novos parentes – afinal “arigó é tudo parente!” -, fazer negócios e dispor os mais novos ao mercado matrimonial.

Fora os eventos do calendário festivo do clube, ao longo do ano, eram realizados torneios de futebol e vôlei, além de festas que tinham como o público alvo os jovens.

¹⁰² Os clubes mais importantes da época eram o Iate Clube, Centro Recreativo e Casa da Amizade. Porém, as características do CAC eram parecidas com a do Iate Clube, inclusive no calendário festivo.

¹⁰³ Entrevista com Seu Antonio em 21/01/2008.

Ainda é possível utilizar as dependências do clube para a realização de aniversários, casamentos, bailes de formaturas e chás de panela. Por isso, grande parte da observação de campo deste trabalho foi realizada em suas dependências. Aliás, a não realização de algum evento familiar no clube é sempre motivo de discussão, ou ressentimento na família. Jacinta foi uma das que se queixou quando a festa de casamento de seu filho não foi realizada no salão de festa do clube,

“Ela (a noiva) não quer fazer a festa lá. Mas, eu acho que tem que ser lá! Lá a gente conhece mais, a gente fica mais a vontade, os convidados vão ficar mais a vontade... Mas ela não quer. Posso fazer o que?”¹⁰⁴

Desta forma, o clube tornou-se por muito tempo fator agregador de pessoas, o lugar onde as famílias se reuniam para o lazer do fim de semana, os jovens se congregavam na busca de seus pretendentes, homens e mulheres aproveitavam as festas para socializarem as notícias do meio social. Passava-se por lá para ver e ser visto.

Até o final dos anos 90, o Comercial Atlético Cearense figurava como termômetro da vida social do grupo, no entanto, a frequência ao clube foi se fazendo rarefeita à medida que a trajetória econômica das famílias ascendia. Se antes importava ser sócio do clube, agora importa ter espaços de lazer em sua própria casa ou terrenos ao largo da cidade para tal finalidade.

Para Denise Jardim,

“A definição dos grupos organizados e associações se dava em contraste com o poder público. Sua persistência frente aos grupos dominantes (e aos ‘nacionais’) expressava-se em ações concretas, formas associativas que pudessem fazer frente às ações do poder público no sentido de ‘assimilar ou expulsar’ populações vistas como estrangeiras. Diante da situação de exclusão social, os estudos sobre assimilação de migrantes aos nacionais destacam o importante papel da ‘colônia’ em criar instituições, associações recreativas e ações públicas. Os clubes marcaram a presença de minoritárias, bem como intermediaram as relações entre o Estado e a coletividade. Muitos desses clubes serviram como forma de quantificar e dar os contornos a uma comunidade, pois as instituições trabalhavam no sentido de criar uma autorrepresentação junto aos nacionais e ao poder público”¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Anotações de Campo em 20/09/2007.

¹⁰⁵ JARDIM, 2000, pp.106-107.

A trajetória de ascensão econômica do grupo e a ampliação dos laços familiares com o casamento dos filhos e netos proporcionam a aquisição de propriedades que, em geral, beneficiam toda a família. Assim, as casas – em especial dos genitores ou do filho mais velho – tornaram-se maiores para abrigar a família que cresceu. Além disso, no processo de enriquecimento, muitos puderam comprar terrenos com igarapés que correm ao largo da cidade, ou nas praias como em Alter do Chão, e ainda, fazendas no planalto santareno.

Tomo como medida de análise a casa de Dona Tereza, genitora da família Cravos, viúva há mais de 20 anos. Sua casa foi construída pelo marido, mas constantemente reformada por seus filhos. Nela já se realizaram de festas de casamento a cafés da manhã em comemoração a datas festivas. Sua casa é o ponto de encontro de todos e tornou-se ao longo dos anos o ponto de lazer para filhos e netos.

Uma visita a sua casa mostra uma ordenação espacial por faixa etária. Na calçada da frente encontram-se, geralmente, as crianças menores jogando bola ou simplesmente correndo. Na área com cadeiras brancas, onde ela recebe seus convidados, ficam os jovens (meninos e meninas) conversando sobre a última ou a próxima festa, comentando seus namoros ou o namoro dos outros, em uma conversa que segue solta em meio a risos e cochichos para que os pais não escutem. As mulheres se encontram na cozinha preparando algo que possa ser servido a todos e os homens na área detrás deitados em redes sempre atadas a espera de qualquer visitante.

Na maior parte das vezes as visitas dos filhos, noras, genros ou netos não são anunciados previamente ou combinadas, mas durante a semana ocorre, sempre à noite depois que todos fecham a loja. Porém, é obrigatória quando se refere a alguma comemoração, como a missa rezada em sua área durante as festividades de sua Paróquia,

“Quando eu chamo tem que vir. Porque é aqui em casa que tudo tem que acontecer”¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Entrevista com Dona Margarida em 20/08/2008.

“Quando a mamãe põe uma coisa na cabeça tem que ser feito e essa missa a gente tem que fazer e tem que vir... Fecha a loja mais cedo e vem”¹⁰⁷.

Os eventos maiores – aniversários, festa junina, batizado, 1ª comunhão, crisma ou natal, entre outros – são capazes não só de reunir os filhos e suas famílias, mas também seus irmãos e irmãs, cunhados(as) e sobrinhos(as). Quando os eventos não ocorrem em sua casa são transferidos para “o igarapé”, terreno localizado cerca de trinta quilômetros da cidade, adquirido pelos filhos e que serve a diversão de toda a família. Deste modo, aos poucos, a maior parte da função do clube foi sendo transferida para os espaços residenciais ou suas áreas complementares.

São nestes espaços que pessoas se encontram, desencontram, famílias se aproximam e jovens se olham e conversas começam. Nestes espaços, imperam as relações de origem, mas também, as relações amorosas, os namoros e as afinidades. Dinamizados pela família, neles se discute as qualidades dos pretendentes disponíveis, valores indispensáveis para negociação no mercado do casamento.

Os espaços de sociabilidade não estão dissociados da compreensão que estas pessoas fazem de si mesmas e dos locais por onde podem ou se devem transitar. Todos estes espaços fazem parte das narrativas pessoais e do sentido de família construído por estes sujeitos.

2.2. “Da mesma forma que eu”: família e valor

Para entender o *mercado do casamento* e as negociações – reais e simbólicas – que ocorrem neste contexto se faz necessário compreender as referências ao sentido de família, bem como, a ideia e as representações que os *cearenses* fazem de mesma.

De forma geral, os *cearenses* guardam a fama de “casarem entre si”. Uma longa história baseada em casamento entre primos ajuda a manter o ideário¹⁰⁸. Porém, mais do

¹⁰⁷ Entrevista realizada com Pedro em 19/07/2007.

¹⁰⁸ Woortman ao analisar grupos de colonos no sul e sítiantes do nordeste brasileiro mostra que estes grupos percebem práticas de casamento de forma diferenciada. Enquanto os nordestinos tendem ao casamento endogâmico, como forma evitar a distribuição de riquezas e partilha de bens, em especial a terra; os sulistas mantêm práticas homogênicas, posto que o interesse não incorre no parentesco, mas sim, na origem comum dos pretendentes, sendo mais uma questão de casar com alguém “de dentro” do

que uma simples especulação o casamento entre primos de primeiro e segundo graus comprova-se com inúmeras autorizações dadas pela Igreja Católica à realização destes¹⁰⁹.

Dona Tereza comprova a dificuldade em contrair matrimônio com seu falecido marido quando ainda moravam no Ceará,

“Nós (ela e o marido) morava no pé de serra, mas pra casar a gente teve que subir a serra e casar, mode que, o padre de Frecherinha não queria fazer o casamento porque nós era primo de segundo grau... Na serra a gente não disse nada porque senão o padre não casava”¹¹⁰.

Embora estes casos ainda ocorram, em menor número, compreendo que o mercado do casamento não entende o parentesco como uma relação direta e genealógica. Para entender o casamento “entre si” é preciso compreender o significado e o sentido dado à família, posto que a compreensão que fazem desta instituição permeia todos os âmbitos de relações do grupo¹¹¹.

A definição que melhor se encaixa nesta perspectiva é o sentido de família como um *valor*, uma referência utilizada pelas pessoas ao se localizarem na sociedade tornando-a um espaço onde se produz valores sociais e morais¹¹². Neste sentido,

que com alguém “de fora”. WOORTMAN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste*. São Paulo: Hucitec, Brasília: Edunb, 1995.

¹⁰⁹ No processo de montagem do projeto de dissertação visitei a Paróquia de São Raimundo Nonato para fazer um levantamento dos registros de casamentos entre cearenses da década de 50 a 70, a maioria dos casamentos era realizada com autorização do bispo pelo fato dos cônjuges serem primos de primeiro e segundo graus.

¹¹⁰ Anotações de campo em 15/07/2008.

¹¹¹ A relação entre parentesco e casamento estará mais bem explicitada no tópico seguinte, por ora vale ressaltar que dois caminhos teóricos ajudam a pensar o parentesco à luz da Antropologia: a *teoria da descendência*, na qual “o parentesco seria uma rede de filiação socialmente reconhecida... duas pessoas são parentes quando descendem uma da outra, ou quando ambas descendem de um antepassado comum” e a *teoria da aliança*, que, para a escola francesa inaugurada por Claude Lévi-Strauss as relações de parentesco, pelo menos nas estruturas elementares de parentesco, possuem um universo de regras que são definidas especialmente pela proibição do incesto, e estabelecidas pelo casamento preferencial entre primos cruzados. No entanto, o ponto estrutural do parentesco para esta teoria encontra-se no princípio da reciprocidade, baseado na teoria maussiana de dar – receber – retribuir. WOORTMANN, op.cit, 1995, p. 69. Cf: LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982; RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Sistemas africanos de parentesco e casamento*. Introdução. In: MELATTI, J. C., org. *Radcliffe-Brown: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1978; CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press. xiv+ 216 ,2004. WOORTMANN, Klass. Reconsiderando o Parentesco, In *Anuário Antropológico/76*, pp149-186. 1977.

¹¹² Cynthia Sarti, ao discutir famílias pobres em São Paulo ressalta que a família é pensada como uma ordem moral, que reflete na maneira como pessoas atribuem sentidos ao seu mundo social. Desta forma, compartilho da ideia da autora que trabalha a moralidade a partir do ponto de vista antropológico, ou seja,

entender a família como um *valor* significa compreender a representação que os membros da família fazem sobre a mesma.

Pensando estas questões, me detive a observar a família de Dona Margarida, na época com 80 anos. Dona Margarida possui 10 filhos e 31 netos, veio de uma família de 22 irmãos. Hoje, grande parte deles reside em Santarém. Disse que perdeu “a conta na hora de convidar só a família para festa” de seus 80 anos, foram mais de 300 convidados ¹¹³.

A festa se constituiu numa observação sem igual das relações familiares vivenciadas pelo grupo, posto que reuniu pessoas de várias idades e de diferentes gerações. Música, comida, animação eram as características particulares da festa. Pessoas se cumprimentando, falando ao mesmo tempo, risos e abraços empolgados. Afinal, até parentes distantes haviam vindo para a comemoração.

As mesas estavam dispostas em grupos familiares, nomeadas sempre pelo membro mais velho ou parente mais próximo da convidada, seguida pelos filhos e netos. Boa parte das famílias mais antigas de migrantes cearenses, certamente, estava lá e todos se admiravam da “bonita família”. Aliás, este era o termo que mais se escutava nas conversas entre os membros das mesas, comentários sobre a felicidade da família, como a família havia crescido, recordações de parentes que não se viam há muito tempo, entre outros tantos comentários.

E o termo *família* parecia ser proclamado com uma utilização própria, ou seja, referia-se a todos que estavam presentes na festa. Eram irmãos, afilhados, primo de primeiro, segundo e terceiro graus, no final, tinha-se a impressão que todos se encaixavam na mesma árvore genealógica.

A disposição das mesas permitia perceber que a maior parte dos casais era *cearense*, tanto os mais velhos quanto os mais novos. A família de Dona Margarida não

como a expressão de normas e valores concebidos na ordem social, mas que, também, tornou-se parte da identidade social dessas pessoas. Cancela discute as mesmas questões sobre atributos morais ligados a família considerando as especificidades sociais. Cf: SARTI, 2007, op. cit. e CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e famílias em uma capital amazônica: estrutura e valores (Belém, 1995-2006)*. 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Outubro de 2007.

¹¹³ A festa ocorreu no dia 27 de julho de 2007 na sede social do Comercial Atlético Cearense.

fugiu a regra, seus dez filhos estão casados com *cearenses*. Em nosso diálogo, ela relatou com orgulho que conseguiu casar as seis filhas e que todos conseguiram aumentar a família, agora “todos se ajudam”.

As festas como um importante fenômeno de sociabilidade - quer no clube, quer nas reuniões familiares - tornam possível mapear as relações que podem ser consideradas como constituinte do sentido de família. O grande número de convidados, proclamado pela própria aniversariante, revela que a entrega do convite para participar da festa integra o convidado ao tão proclamado sentido de família. Comum no grupo que a entrega do convite seja seguido da afirmação de um “evento íntimo só para família”, receber o convite é estar diretamente inserido nessa rede de parentesco mesmo sem possuir laços genealógicos. Assim, pertencer à família está, também, ligado a conterraneidade¹¹⁴.

Em oposição, não receber o convite significa estar excluído dessa rede de sociabilidade. Isto pode ser confirmado quando após a festa um sobrinho de Dona Margarida se queixou de não ter sido convidado,

“ele é gente distante, não vem sempre aqui... quando vem só traz confusão. Nem se lembrei dele”¹¹⁵.

Ao mesmo tempo em que o sentido de família agrega pode, também, excluir pessoas à medida que estas relações não se encaixem nas construções sociais do grupo. Todavia, ser reconhecido como membro da família é garantir aquisição de credenciais necessárias para estabelecer relações. Expressa, ainda aqui, que o imperativo moral configura relevante requisito para agregar pessoas à família, é preciso ajudar para receber ajuda, fazer parte da rede¹¹⁶.

Desta forma, o sentido de *família* é utilizado para garantir a integração ao grupo, estabelecendo a socialização entre as gerações, garantindo o processo de iniciação no

¹¹⁴ Alguns estudos mostram como as festas são espaços de socialização e inicialização de grupos sociais. Cf: PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003; PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002; GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube sócia da Zona Norte do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

¹¹⁵ Entrevista com Dona Margarida em 20/08/2008.

¹¹⁶ RIDLEY-LEIGH, op.cit.

trabalho, no namoro, nos negócios, no clube ou mesmo na vida política. Assim, ser reconhecido e reconhecer-se como “sendo da família” atribui a essas pessoas a identidade necessária para circular no grupo e usufruir das redes de apoio social ou financeira.

Observando a estrutura, o sentido de família compreende, portanto, dois polos: o primeiro polo, e menor, está agrado a casa paterna/materna, ou seja, a primeira geração que fixa na cidade e as relações que dali derivam (irmãos, sobrinhos, primos, genros, nora, etc.). O segundo polo compreende uma relação familiar estendida, pois, agrega ao primeiro polo as relações derivadas do processo migratório (tanto dos que vieram para Santarém, quanto os que ficaram no Ceará), mas ainda baseada nos laços constituídos pela primeira geração. Assim, os casamentos das gerações posteriores são percebidos como constituição de novas unidades domésticas que estão integradas a esta noção maior de família. Tanto quanto Duarte e Campos, entendo que a categoria *família* deve, em função do contexto, ser utilizada com o sentido de “família extensa” ou de “rede familiar” e os núcleos familiares são entendidos como “unidades domésticas.”¹¹⁷

Segundo Jardim, torna-se necessário ler os laços de parentesco em dois sentidos. De um ponto de vista holista “em que os sujeitos e suas escolhas estão subordinados a uma totalidade, aos valores do grupo”, onde, não há uma centralidade na individualidade, mas sim, numa ideia de continuidade entre a parte e o todo. O outro sentido procura entender estes laços, em longo prazo, pensando as dinâmicas que reiteram a totalidade, tendo o sangue como critério de inclusão na parentela, mas também, também incluindo relações determinadas pelo critério de origem¹¹⁸.

O sentido que faz de família passa a ser, portanto, diferencial valorado para mediar à relação conflitiva com os paraenses, baseando o valor na compreensão estendida de família, que por sua vez seria responsável pela solidariedade entre seus membros. Na fala dos entrevistados o sentido de família estendida, de que “todos são parentes” é especialmente positivado para marcar sua diferença com os locais¹¹⁹. Assim,

¹¹⁷ DUARTE, CAMPOS, op.cit, p. 29

¹¹⁸ JARDIM, 2000, op. cit, p. 348

¹¹⁹ Cf: PETERS. Roberta. *Imigrantes palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2006e JARDIM, op.cit.

a noção de que o grupo possui uma maneira distinta de lidar e entender as relações familiares tende a marcar diferenças, especialmente, na escolha dos pares.

Os estudos sobre família e casamento nas comunidades árabes mostram que tal diferenciação também ocorre e produz a valorização da “família árabe” em oposição à “família brasileira”. O que ajuda a perceber esta valorização como um aspecto utilizado na diferenciação identitária de grupos étnicos, ou ainda, na diferenciação entre *nós* e os *outros*¹²⁰.

Família, em seu sentido extenso, amplia possibilidades de negociação entre os integrantes do grupo servindo de passaporte para circulação nas redes sociais e nas áreas de sociabilidade. Assim, a abertura de uma ficha de crédito na loja, a aquisição de um presente melhor para um novo casal, a possibilidade de frequentar as festas do grupo podem ser garantidos ao carimbar o passaporte das redes familiares.

A discussão sobre família nas ciências sociais tem dado vazão consecutiva a questionamentos sobre o modo de pensar a relação entre classe econômica e família. Discursos e discussões acerca desta relação geraram modelos que seriam, segundo alguns autores, compatíveis com determinados status ocupados por seus membros.

A partir da condição social/econômica do indivíduo considera-se a influência do individualismo marcando o papel e a condição social de membros da família. Desta maneira, abre-se espaço para a família conjugal, nuclear, com marcadores de gêneros consolidados em relações simétricas seriam, portanto, características atribuídas a núcleos familiares de camadas médias. Todavia, estudos que privilegiam em suas análises as relações conjugais e familiares baseadas em um “contexto igualitário”, seriam os modelos - se podemos considerar assim - predominantes e característicos das camadas médias psicologizadas¹²¹.

¹²⁰ O sentido amplo de família só pode ser entendido através do conjunto de pessoas que “havia atravessado juntas um processo grupal – do passado para o futuro através do presente – que lhes dera um estoque de lembranças, apego e aversões comuns. Sem levar em conta essa dimensão grupal diacrônica, é impossível compreender a lógica e o sentido do pronome pessoal ‘nós’ que elas usam para se referir uma as outras”. ELIAS, 2000, op.cit. p. 38.

¹²¹ Cf: VAISTMAN, 1994, op. cit; HEILBORN, 2004, op.cit; SALEM, 2007, op. cit.

Por outro lado, estudos que visualizam a família ligada a uma rede extensa de sociabilidade e de solidariedade¹²², onde o valor da família “é fundamentalmente instituidor de uma moralidade estabelecida por um conjunto de regras de reciprocidade, obrigações e dádivas” seriam atributos pertencentes às camadas populares¹²³.

Cristina Santos Silva faz crítica aos estudiosos que, ao longo do tempo, produziram um processo de nuclearização e individualização da família criado por estes estudos. A autora, ao analisar o bairro de Alfama, trabalha com a noção de famílias alargadas buscando perceber os processos formadores de núcleos domésticos em um bairro caracterizado pelas relações de parentesco. No entanto, mesmo tentando burlar teses de nuclearização da família trata “alargamento familiar” como suporte para a análise das classes populares deixando sobe ressalva que “as famílias complexas que resultam deste processo tendem a ser transitórias e são, provavelmente, substituídas por famílias nucleares à medida que a industrialização progride e a prosperidade aumenta”¹²⁴.

Para Pina Cabral o principal problema de uma noção nuclear de família está no fato de que tende a dificultar o entendimento desta categoria social. Portanto,

“uma família é um grande grupo de pessoas que se sentem associadas umas às outras por terem participado conjuntamente, em momentos geracionais anteriores, no processo de reprodução social... pois não é geralmente possível estabelecer qual o número preciso de pessoas que compõem uma família, nem podemos afirmar que elas partilhem da mesma definição”¹²⁵.

Na verdade, algumas discussões produzem a dicotomização sobre a compreensão de família que não pode ser generalizada. Neste sentido, entender a família como um valor significa compreender a representação dada a ela por seus membros e considerar que não somente os valores ou representações, mas o significante

¹²² Para esta perspectiva podemos destacar SARTI, Cynthia, 2007, op.cit; FONSECA, 2004, op.cit.

¹²³ MACHADO, op. cit, p. 16.

¹²⁴ SILVA, Cristina Santos. *Famílias de Alfama: dinâmicas e solidariedades familiares num bairro histórico de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 23.

¹²⁵ PINA-CABRAL, João de. *O homem na família: cinco ensaios de Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003, p.120.

e o significado atribuídos pelos *cearenses* à família e ao casamento circulam na sociedade¹²⁶, entre pessoas de diferentes situações socioeconômicas.

Fechá-los em uma estrutura que define um padrão ou modelo de comportamento, baseando em seu contexto socioeconômico, seria deixar de perceber detalhes de uma rede bem bordada, deixar de valorizar as tramas da renda. Ao visitar a casa de Amélia pude entender como as coisas se associam. Casada, três filhos, dona de uma loja de confecções – na verdade duas, o marido trabalha em outra loja – sua casa revela muito sobre sua condição social. Casa própria, reformada, dois carros na garagem tem o cuidado de afirmar que logo comprará outro porque “os meninos” (uma menina e um menino) estão aprendendo a dirigir. Sala de jantar e de estar mobiliadas, três quartos (do casal, do menino e das meninas) com condicionadores de ar, aparelhos de Tv, cozinha e quintal. Esses detalhes só foram possíveis perceber porque minha anfitriã fez questão de mostrar toda a residência, afinal, “faz tanto que tu não vem aqui, não sabe como ficou a casa (depois da reforma)”.

É verdade, em minhas lembranças ainda figuravam uma casa pequena, com dois quartos, sala e cozinha do tempo em que o casal trabalhava como vendedores – ela na loja do irmão, ele na de um *cearense* conhecido. Lembro do piso “vermelhão” encerado e dado brilho com pano seco. A visita termina na cozinha com nossas lembranças a cada cômodo visitado e a triste conclusão: o tempo também passou para mim.

Sentadas na cozinha é Amélia quem começa a entrevista com uma pergunta que tive que responder em muitos momentos: “Então, ainda não casou?”. Respondi que não que tinha voltado a estudar em Belém. “Quem sabe agora tu volta casada!”. Quem sabe...

¹²⁶ É necessário trabalhar com a noção de circularidade cultural presente na obra de dois autores, Carlo Ginzburg e Stuart Hall. Para Ginzburg, ao discutir a vida de um moleiro na Europa moderna a partir de processos inquisitoriais, se mostra como há uma relação entre a cultura oficial e a cultura popular, já Hall, mostra que a noção de ‘cultura popular’ só pode ser pensada em relação a uma ‘cultura dominante’, que muito mais do que determinar uma oposição, tais noções, circulam e interagem nas palavras de Cancela “... trata-se, desse modo, de uma definição dinâmica e processual do que vem ser popular, sempre determinada pela sua relação com a cultura dominante, que, por sua vez, vale sempre ressaltar, também é fluida e capaz de absorver elementos da cultura popular...”. Cf: GINZBURG, 1998, op.cit.; HALL, 2003, op.cit e CANCELA, 2006, op.cit, p.37.

Após nossa conversa que me contou o que eu queria saber - e perguntou o que o ela queria saber - propôs me deixar em casa, pois ia casa de sua mãe, já que “tá todo mundo lá!”¹²⁷. No carro a conversa foi estendida em tom menos formal do que na presença do gravador. Contou que a loja estava indo bem; que os meninos estavam estudando e dando trabalho. Então perguntei o que ia fazer na casa de sua mãe e a resposta foi tão simples como se a pergunta tivesse sido absurda: “Nada! Tá todo mundo lá!” E logo completou: “Pra nós a família é prioridade, é primeiro lugar”.

O processo de ascensão econômica é evidente no grupo estudado, mesmo porque fazem questão de evidenciá-la, exibindo os objetos de conquista atrelados ao discurso da luta e privação para possuí-los. As famílias em questão possuem padrão econômico compatível com as camadas médias, no entanto, evidenciam em suas práticas, discursos e sentidos as relações familiares caracterizadas como pertencentes às camadas populares. Colocando em prática uma circulação de valores que garante sua visibilidade econômica na sociedade sem comprometer os elementos constitutivos da identidade do grupo.

Esta estrutura que alarga as relações familiares ao mesmo tempo em que as estreita, as torna específicas do/ao grupo que é responsável por definir o mercado de casamento, apontando os pretendentes e elegendo os(as) candidatos(as) preferenciais.

2.3. “É importante casar sim!”: mercado do casamento

Para pensar o mercado do casamento que ocorre entre as famílias *cearenses* faz-se necessário atentar para os elementos que forjam o jogo de negociações na busca de pretendentes e no movimento feito pelas famílias para concretizar o matrimônio. Além disso, é preciso desvendar a lógica existente na ideia generalizada de casamento entre parentes, bem como perceber a posição, a margem, os interstícios que acompanham os que não correspondem aos modelos.

¹²⁷ O “todo mundo” refere-se a seus irmãos, sobrinhos, cunhados e cunhadas.

Para mapear o movimento organizado em torno do mercado de casamento foi necessário adentrar as portas dos relacionamentos conjugais novos e antigos, e assim perceber como as gerações davam conta de manter o contínuo comércio do matrimônio. Chegar aos casais não foi tão fácil, posto que eu não gozava do estatuto para adentrar nas conversas próprias do casamento. O fato de não ser casada limitou o meu passaporte de acesso às mulheres e aos homens, ao mesmo tempo que me inseriu na pedagogia do matrimônio fazendo com que no momento da entrevista eu pudesse ser educada na “necessidade de casar” porque “é importante ter alguém para cuidar” e “não se pode ser só no mundo”.

Em muitos momentos da etnografia tanto fui entrevistada e observada, quanto o fiz. Minha condição de “mulher solteira” ameaçava e perturbava as mulheres, ao mesmo tempo, constrangia os homens. As conversas com os casais, inicialmente, ocorreram no espaço do comércio, geralmente no escritório, começava explicando o sentido da pesquisa e antes mesmo de começar as entrevistas, eu respondia a perguntas sobre mim, sobre meu trabalho, sobre minha moradia em outra cidade, sobre minha família, sobre meu não casamento. Somente depois de saciar a curiosidade de meus interlocutores é que podia fazer minhas perguntas. No entanto, nem todas eram respondidas. Perguntas que giravam em torno da relação do casal ou da relação/namoro de seus filhos foram as que menos consegui respostas, somente os casais que eram próximos de mim e minha família me responderam timidamente a estas questões.

O problema do silêncio, do que não se quer falar sobre o casamento ou sobre a relação conjugal, foi remediado através de conversas com outras pessoas, ou melhor, da fofoca. Aliás, ela é uma grande arma para se descobrir a quebra dos modelos e a diferença entre discurso e prática¹²⁸.

O mercado do casamento é sustentado pela busca de parceiros que cumpram as exigências valorativas masculinas e femininas atribuídas aos cearenses, mas não aos paraenses. Para fazer parte dos casáveis é necessário ter qualidades que são consideradas pelo grupo como próprias deles.

¹²⁸ Para Fonseca o que é dito sobre si e o que é dito sobre o outro media a relação de interesses, a fofoca revela modelos que não se cumprem. FONSECA, 2004, op. cit.

Na fala dos homens aparecem referências ao fato das mulheres *cearenses* serem boas moças para casar porque são “bem criadas”. Não possuem trânsito intenso no espaço público e ao fato de suas relações com a figura masculina estarem mediadas pelas relações familiares, ou contato com os parentes aparece como pressupostos atrativos na escolha da pretendente. Já os homens *cearenses*, guardam suas qualidades baseadas no afinho ao trabalho, à poupança e ao bem-estar da família.

A suposição de que tais qualidades estariam naturalizadas em mulheres e homens *cearenses* permitiram ao grupo desenvolver práticas de casamento preferenciais com as pessoas do próprio grupo¹²⁹.

Para Júlia, casada há 17 anos com Marcos, essas qualidades se resumem na seguinte frase:

“ele foi criado da mesma forma que eu e isso contribui para que o casamento permaneça”¹³⁰.

Filha de pais *cearenses*, Júlia lembra vários detalhes da época em que conheceu Marcos. As datas, as conversas, a suspeita dos pais,

“Nós nos conhecemos no grupo de jovens... ele era muito sapeca e me mandavam conversar com ele... eu sempre conversava com ele... começamos a paquerar dentro da Igreja de Fátima, mas não foi muito tempo não! Aí ele foi lá em casa pedir pro papai pra namorar. A gente namorou um ano e noivou três meses...”¹³¹.

A opinião da família influencia na escolha do pretendente. Marcos considera que a sua influenciou na escolha porque

“(ela) tinha aquele parentesco, família e deu tudo certo... quando eu pensei em casamento sabia que tinha que ser cearense por causa da família (porque) o pessoal falava muito

¹²⁹ Considero a prática de casamento como as pessoas do mesmo grupo como *homogamia*. Entendo o termo *homogamia* na mesma perspectiva das análises de Cancela, ou seja, para definir o casamento entre pessoas de um mesmo grupo, quer seja social, quer seja econômico. Portanto, para esta pesquisa está sendo considerado o fato destes migrantes casarem entre si, havendo, portanto, *homogamia de origem*. CANCELA, 2006, op.cit.

¹³⁰ Entrevista com Júlia em 12/07/2007.

¹³¹ Entrevista com Júlia em 12/07/2007.

de cearense, de arigó, e a gente já evitava de ter o contato com paraense”¹³².

O possível parentesco com o pretendente passa a ser utilizado pelos casais como argumento positivo para a realização do casamento, à medida que valoriza a união garantindo a ampla aceitação,

“Quando é da família é melhor, a gente já tem aquele convívio, já sabe quem é... Não fica se perguntando se vai dar certo...”¹³³.

No entanto, a localização deste parentesco aparece sempre suposto, nem sempre efetivamente concreto,

“Parece que a mãe dele era sobrinha do meu avô, porque eu lembro que ela chamava ele de tio...”¹³⁴.

“A avó dela é prima de segundo grau da minha mãe... parece que é isso!”¹³⁵.

“Não sei direito, mas acho que sim... mana, arigó é tudo parente se a gente procurar acha!”¹³⁶.

Embora existam casos de primos legítimos casados, os casais entrevistados não conseguiram estabelecer seu parentesco direto. Essa averiguação é feita, em geral, pelos mais velhos que dominam o mapa dos laços de parentesco, tanto na cidade de origem, quanto nos seus desdobramentos no local de destino. Mas o que faz que o casal e sua família tentem achar o parentesco? Por que remontar esta árvore é tão importante?

Analisando no grupo as tendências e o “modelo correto”, o casamento entre primos estaria corroborando a lógica do “casar entre si”, por isso, é necessário que ele seja localizado, percebido por todos dando o reconhecimento a uma prática que afirma a identidade. Jardim, Peters e Vitar, em momentos diferentes, mostram que entre os árabes a noção de casamento endogâmico existe e faz parte da visão que o *outro* faz do grupo, no entanto, o próprio grupo mantém-se neutro na desconstrução deste sentido, ou

¹³² Entrevista com Marcos em 12/07/2007.

¹³³ Entrevista com Dona Tereza em 15/07/2008.

¹³⁴ Entrevista com Júlia em 12/07/2007.

¹³⁵ Entrevista com Luzia em 18/07/2007.

¹³⁶ Entrevista com Larissa em 26/07/2008.

seja, embora eles casem dentro do sentido da homogamia a noção do “casar entre si” ajuda na manutenção do sentido de família.

Por outro lado, trazem para as partes envolvidas - famílias e pretendentes - alguns benefícios. Para ele – o homem -, a garantia de uma rede de vigilância sobre ela – a mulher – é importante de modo que seu contato com o mundo acabe por se restringir ao círculo de parentesco dele e dela. Deste modo, foi que pude perceber que as mulheres que trabalhavam no comércio, ao viajar para fazer compras dificilmente o faziam sozinhas, mas geralmente em companhia da cunhada ou irmã, o que era diferente para os homens que quase sempre viajavam sozinhos.

Para ela, a vantagem em acionar o possível laço de parentesco com o marido está na garantia de extensão de sua rede de apoio, tanto de sentido prático (cuidar dos filhos, da casa ou da loja), quanto no sentido moral (apoio financeiro – no caso das mulheres que não trabalham – ou vigilância sobre o comportamento do marido e a valorização dela diante dele). Neste sentido, a suspeita de uma traição, por exemplo, dele a ela força-o a voltar ao eixo porque aciona as duas redes de parentesco, dando suporte para ela diante da situação¹³⁷. Para Jardim, “nos sogros a nora pode encontrar não mais a autoridade dos pais, mas a solidariedade dos pais do marido – que muito eventualmente podem ser seus tios”¹³⁸.

E as famílias o que ganhariam com isso? A meu ver a efetivação do parentesco, posto que é o casamento entre supostos primos que garante a sobrevivência do parentesco, e, conseqüentemente do sentido de família.

Lévi-Strauss¹³⁹ mostra que o ponto de partida do parentesco é a troca entre os grupos, onde as mulheres são os principais bens a serem trocados, isto estabelece um contrato social, ou melhor, uma aliança entre tais grupos. O casamento, conseqüentemente, promove a troca de bens e serviços. Embora as teses deste autor sejam relevantes, é necessário perceber que constrói regras formais nas quais o indivíduo não se movimenta, as estruturas são dadas, entendidas como invariáveis, são

¹³⁷ No capítulo seguinte tratarei acerca da quebra dos modelos através das conversas que circulam no grupo.

¹³⁸ Jardim, 2000, op. cit. 379.

¹³⁹ LÉVIS-STRAUSS, 1982, op. cit.

os sujeitos que se adequam as estruturas, e não as estruturas aos sujeitos. O modelo é mais importante do que seus elementos específicos.

Bourdieu¹⁴⁰, por sua vez, parte da ação para o modelo, enquanto Lévi-Strauss vê o modelo como principal forma de entender a ação. Se a proposta deste último é construir uma análise objetiva das estruturas de parentesco, a do primeiro é mostrar a necessidade de fazer-se um caminho relativamente oposto. É necessário analisarmos estas estruturas como sendo moldadas por estratégias e que só podem ser analisadas por um olhar subjetivo-objetivo.

Desta forma, são os integrantes dos grupos familiares que irão determinar as estratégias do jogo que possam garantir a perpetuação do grupo. Os indivíduos se movimentam no sentido de garantir a permanência de seu grupo no jogo social e as regras deste jogo somente podem ser entendidas pela regularidade de sua existência.

Assim, são os espaços de sociabilidade frequentados pelas famílias que oportunizam os possíveis casamentos. Dos casais homogâmicos todos se conheceram em espaços que eram frequentados comumente por suas famílias

“...Tinha o Comercial (clube), aquelas brincadeiras, as festinhas nas casas dos parentes cearenses facilitou o contato... Também as nossas famílias já se conheciam...”¹⁴¹.

“Eu conheci ele no comercial, numa festa que teve lá, depois já vi ele em outras festas e a gente foi paquerando...”¹⁴².

“Ele é amigo do meu irmão, saiam juntos e sempre passava lá em casa... Temos muitos amigos em comum por causa dos primos e na orla todo mundo se encontrava ... foi começando”¹⁴³.

As sociabilidades geradas pelas redes de amizade e parentesco são espaços propícios para a escolha dos pretendentes, pois garante a ele as referências sobre as credenciais da futura namorada/esposa, e a ela, as informações necessárias para que a

¹⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique: La terre et les stratégies matrimoniales*. Paris, Ed. de Minuit., 1980.

¹⁴¹ Entrevista com Marcos em 12/07/2007.

¹⁴² Entrevista com Nadir em 24/08/2007.

¹⁴³ Entrevista com Larissa em 02/08/2008.

família aprove o relacionamento. É uma rede articulada que consegue dar conta de informações sobre as gerações de uma mesma família, buscando informações nos ascendentes, para traçar perfil de caráter sobre as famílias e seus descendentes. Dessa forma, em muitos momentos as famílias são adjetivadas pela imagem que circula dela no seu meio social:

“Os *Aribaldes*¹⁴⁴ são trabalhadores, todos! Conheci o avô deles que era primo da minha e sei que são todos assim”¹⁴⁵.

“... quando é *Antero* é ruim, todos eles são ruim, são de opinião e ela é do mesmo jeito parece o pai dela todinho”¹⁴⁶.

São esses discursos que privilegiam o casamento homogâmico e que garantem que se reconheçam em homens e mulheres *cearenses* adjetivos que não se encontraria em outro par que não fosse do grupo. A ideia de famílias caracterizadas por adjetivos faz parte das discussões de Pina Cabral. Segundo o autor, estas marcas são frutos da personalidade de homens e mulheres que pertenceram a gerações anteriores que deixaram marcas profundas em seus descendentes¹⁴⁷.

“os valores são diferentes, sim. O *cearense* tem mais um propósito de vida, quer dá uma vida melhor, proporcionar um estudo melhor para os filhos, uma situação melhor para sua família”¹⁴⁸.

“ele nunca deixou faltar nada em casa. No Ceará, muita gente passou fome, por isso, ele é farto, não tenho preocupação de faltar comida em casa”¹⁴⁹.

“Ela sempre foi uma boa esposa, tem uma santa paciência comigo. Nunca vi filho dormir sujo, nem com fome, ela nunca teve preguiça disso. Eu vejo meus vizinhos (paraenses) os filhos sujos, remelento e a mulher só na calçada conversando... Me diga se não é diferente?”¹⁵⁰

¹⁴⁴ Os nomes das famílias também são fictícios.

¹⁴⁵ Anotações de campo em 30/06/2008.

¹⁴⁶ Idem

¹⁴⁷ PINA-CABAL, op.cit, p.128

¹⁴⁸ Entrevista com Júlia em 12/07/2007.

¹⁴⁹ Entrevista com Luiza em 28/07/2007.

¹⁵⁰ Entrevista com Geraldo em 29/07/2008.

Segundo Cancela o estabelecimento de um grande número de casamentos homogâmicos torna-se uma tendência em contextos migratórios, portanto, a homogamia aparece como uma tendência consolidada em meios sociais como “estratégia de manutenção de alianças envolvendo pessoas da mesma raça, origem, pureza de sangue e riqueza”¹⁵¹. Tais situações podem ser explicadas pela divisão dos espaços de sociabilidade, pela convivência de indivíduos parecidos.

Diante de discursos que valorizam tanto o casamento quanto a homogamia, as famílias adotam estratégias para manter os pretendentes juntos e garantir a realização da união. Estratégias que garantem a manutenção do namoro passam pela divisão de sociabilidades entre as famílias. Se antes o campo de relações era aberto para a circulação no mercado do casamento, após a confirmação do namoro ele se restringe na tentativa de criar um compromisso entre as famílias dos pretendes, que se esmeram em iniciá-los nos comportamentos de casal. Neste momento, os fins de semana em balneários garantem que esta congregação aconteça. Assim, fazer com que ela se sinta obrigada a servi-lo o almoço, a atar-lhe a rede, a dar-lhe assistência, e que ele a acompanhe aonde queira ir, que sirva a carne do churrasco ou preocupe-se em levar-lhe o refrigerante vão alongando o namoro e desenhando o futuro casamento com as bênçãos familiares.

Decidido o matrimônio necessita-se pensar maneiras de dar suporte ao casal, formas que viabilizem o seu sustento. Neste momento, o diálogo ocorre mais entre as famílias do que entre os pretendentes. Dos móveis da casa ao sustento do casal tudo é garantido pela rede familiar,

“foi o irmão dele que deu tudo pra gente, foi ele que mobiliou a casa, alugou ela... ele fez tudo pela gente... o Marcos já trabalhava com ele na época”¹⁵².

“Cada um foi dando uma coisa, os pais dele deram a casa e alguns móveis e a minha família também”¹⁵³.

Os móveis, o enxoval, a festa são engendrados por uma rede que estipula valor ao parentesco porque é dele que chegam os melhores presentes. Deles é a

¹⁵¹ CANCELA, 2006, p. 155.

¹⁵² Entrevista com Marcos em 12/07/2007.

¹⁵³ Anotações de campo em 23/12/2008.

responsabilidade de organizar a vida do casal, como a de Larissa e Renan. Dado o longo tempo de namoro, seus pais montaram loja para eles, haja vista que “eles já tem que pensar em casamento”¹⁵⁴.

Embora o casamento homogâmico seja o modelo esperado, desejado, ansiado pelo grupo, ele não constitui uma regra absoluta. Há a possibilidade de casamento com pretendentes que não sejam forjados pela identidade do grupo, ou seja, *os paraenses*. Então, como pensar essa relação se todo o discurso e modelo perpetrado envolvem a oposição necessária aos elementos valorativos dos últimos? Paraenses que resolvam casar com cearenses (ou vice-versa) têm que negociar de forma mais acirrada suas qualidades, mostrando que elas fogem dos aspectos da “preguiça” e da “infidelidade” a que em geral são taxados.

Cearenses que se encontram nesta condição fizeram opções que, em algum momento de suas vidas, os retiraram do convívio direto com o grupo ou o colocaram em outros ambientes de sociabilidades. Como Marília e Leonardo, ele *cearense*, passou grande parte de sua vida estudando em Belém, e ela *paraense*. Conheceram-se quando ele, ao voltar à cidade para trabalhar, teve oportunidade de atendê-la.

“Fiz um levantamento da vida dela antes de pedi-la em namoro. Queria saber se ela era ‘moça de família’”¹⁵⁵.

O namoro se estendeu ao casamento com a necessidade de Marília negociar sua relação com a família dele constantemente. Ela é vigiada nas formas mais sutis como a organização da casa, o cuidado do filho, o fato de não trabalhar, ao seu comportamento diante do grupo. Quando em algum momento desliza, a mãe dele que manifesta o seu descontentamento: “Esse povo é assim mesmo!”

Retirar a peja de ser *paraense* é uma negociação delicada, que, nunca desaparece definitivamente, mas que é omitida quando integrada ao grupo. Para as mulheres que casam com homens *paraenses* ou *não-cearenses* essa omissão é garantida desde que ele

¹⁵⁴ Nair mãe de Larissa. Anotações de campo em 23/12/2008.

¹⁵⁵ Entrevista com Leonardo em 27/06/2007.

possua condição econômica maior que a dela, ou, que ela esteja em idade tardia para o casamento¹⁵⁶. O que importa nessa negociação é casar!

E quem não casa? Quem não cumpre os modelos estipulados. Como fica? Como a relação entre as gerações garantem a perpetuação da identidade e de um modelo de casamento? Questões no capítulo a seguir.

¹⁵⁶ A mulher que chega aos trinta anos e não casou é cobrada pelo grupo para que isso aconteça. Antes disso, ela passa pela socialização dentro do grupo na busca do pretendente, esgotadas as possibilidades, abre-se o caminho para os de fora.

3. No embalo da rede tudo é diferente: ditos e contraditos

*Ver, Ouvir, Fofocar,
Como é fácil imaginar
O que ele vive fazendo!
Também o que posso ver de mim
Sem meu espelho que é o outro?*

(José Angel Gaiarça)

Neste capítulo discutirei sobre a desconstrução dos discursos legitimados pelo grupo. Pra tanto, se faz necessário identificar e mapear um sistema de comunicação indireto que da mesma forma que constrói recria o discurso a partir do aprendizado de valores importantes aos *cearenses*. Assim, a fofoca comunica as imperfeições e reforça valores ao longo das gerações. Interessa, ainda, discutir as relações que se estabelecem entre gerações e seus diferentes processos de definição.

3.1. “Tu nem sabe...”: a fofoca como fonte de informação

Nos capítulos anteriores foi possível perceber como os *cearenses* constroem visões sobre si e sobre valores que movimentam o grupo - tais como família, casamento e identidade – pensados em oposição à ausência de valores dos *paraenses*. Discursos que produzem sentidos hegemônicos não são facilmente desconstruídos, à medida que suas distorções e matizações não são explícitas, circulam na sinuosidade das falas, na angústia dos silêncios, nos sussurros ao ouvido.

Respostas que não consegui através de minhas perguntas, procurei com minha audição, escutando os murmúrios, as conversas em tom mais baixo, o que se queria falar e não se podia ouvir, o que nem todos falavam, mas todos ouviam falar. Assim, a fofoca surgiu na etnografia como uma fonte de informação, como informante, como uma analista exigente dos discursos que se proferiam rebatendo afirmativas e criando negações para os modelos apresentados.

Desta forma, por se tratar de informações que ninguém clamava explicitamente e que, muitas vezes, ofendiam a pessoa de quem se tratava, e mais, colocava em risco quem professava, tomei por metodologia não indicar as fontes de informação, como

também, não indicar de quem se trata a informação. Tratarei, por ora, discursos generalizados, já que o objetivo consiste em perceber a produção de um discurso que conflita com as falas proferidas, porém caminha de forma paralela.

Assim, entendo por fofoca um conjunto de “informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas as outras”¹⁵⁷, ou seja, “um relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio”¹⁵⁸. Fofocas são histórias de interesse pessoal, posto que versam sobre a vida ou integridade das pessoas do grupo e representam a integração a ele já que “não se faz fofocas sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas”¹⁵⁹.

Os relatos sobre a vida alheia necessitam de uma teia bem articulada que possa fazê-lo circular. Este emaranhado, nem sempre lógico, garante-se pela interação nos espaços de sociabilidades, pelo intenso convívio das pessoas do grupo e pela integração das gerações. Loja, casa, balneários, passeios entre famílias, festas, aniversários ou o clube são espaços para articulação, comentário, notícias sobre a vida de alguém, já que permitem que as notícias mais interessantes circulem e se espalhem.

A vida de todos é passível de comentários, mas, em geral, eles envolvem pessoas com notoriedade no grupo. Fofocas sobre pessoas com status são garantia de circulação maior da notícia. Aquelas que tratam da família, da briga de casais, ou dos deslizes dos filhos. Assim, as notícias circulam em dois grupos de informações: de um lado as depreciativas, que dizem respeito à falta do cumprimento a norma do grupo, à quebra de modelos, à faltas cometidas por terceiros; de outro lado, as fofocas elogiosas que são responsáveis por transmitir os êxitos familiares, as conquistas profissionais, as virtudes de alguém (no caso da busca por pretendentes)¹⁶⁰.

Outro aspecto importante da fofoca é como se fala dela. Uma pessoa fofoqueira não é bem vista, mas a circulação da fofoca é esperada. Porém, este limite mostra-se um tanto quanto maleável. A principal característica de um bom “noticiador” consiste em mostrar a não intencionalidade em falar do assunto, mas deixá-lo fluir na conversa.

¹⁵⁷ ELIAS, op. cit. p. 121

¹⁵⁸ FONSECA, op. cit. p. 41

¹⁵⁹ Idem

¹⁶⁰ Elias adota esta classificação ao tratar do tema na comunidade de Wiinston Parva. ELIAS, op.cit.

Algumas expressões denunciavam que a notícia corre a boca miúda: “Tu nem sabe..”; “Hein! Fulano...”; “Me contaram...”. Ficar atento ao surgimento dessas expressões permite compreender se a informação circulava por meios lícitos ou ilícitos.

Os fatos geradores da fofoca são diversificados e abrangem várias áreas de relações sociais. As relações familiares são intensamente alvo das fofocas, especialmente, as notícias que envolvem a disputa por herança, quando do falecimento dos genitores, geram grande especulação. A suposição de uma disputa acerca da herança e a desintegração da união familiar tem sido discussões constantes, posto que muitos dos membros da primeira geração estejam falecendo. Em geral, a suposta união familiar dos *cearenses* não tem conseguido superar a disputa por bens¹⁶¹. Intriga entre irmãos, disputa por pontos comerciais ou imóveis são temas de conversas que giram sobre a “falta de respeito com a morte do pai”. Neste sentido as fofocas são responsáveis pela desconstrução do modelo.

Como a fofoca pretende dar conta da vida alheia, notícias de traições conjugais que contrastam as positivamente do casamento são uma constante no circuito. Casos com empregadas, com pessoas de fora do grupo, com pessoas de dentro do grupo, casos pequenos, casos prolongados, casos explícitos, casos escondidos, filhos fora do casamento borram as imagens idealizadoras da segurança de uma união perfeita pelo casamento homogâmico¹⁶². A imagem do homem que trai é pública no meio, porém a separação não é algo aconselhado para as mulheres. Os casos de mulheres que traem o marido são em número menor, mas acontecem e as separações só são cobradas quando o caso se torna público o suficiente, dando às fofocas dados reais para se tornar uma conversa séria¹⁶³.

¹⁶¹ Piscitelli mostra que a disputa pelo patrimônio familiar gera intriga entre os herdeiros de grupo familiares brasileiros. Aqui, a disputa não é gerada sobre um negócio específico, mas sim, sobre o patrimônio construído ao longo dos anos. PISCITELLI, op.cit.

¹⁶² A ideia de que pares homogâmicos, além de preferenciais, trazem consigo o ideário de um casamento perfeito pode ser percebido nas discussões de Jardim e Peters. Cf: JARDIM, Denise Fagundes. ‘As mulheres voam com seus maridos’: a experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 31, jun-jan 2009, pp. 189-217. PETERS, Roberta. *Imigrantes Palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação da tradição a partir da festa e rituais de casamento*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social/PPGAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

¹⁶³ Para Malinowski a sociedade não funciona, necessariamente, a partir das normas que a regem, pois, seus membros encontram meios de burlá-las, todavia, quando o fato se torna público se torna necessário acionar mecanismos sociais que possam restaurar a ordem social. MALINOWSKI. Bronislaw. *Crime e*

As mulheres são em geral criticadas pela preguiça em cuidar dos filhos, pela falta de controle sobre eles, pelos gastos avultados e, em certa medida, por cerrarem os olhos as traições do marido. As famílias tentam manter controle sobre os “deslizes” de seus membros, especialmente, nos que envolvem a relação entre uma geração e outra¹⁶⁴.

Na segunda geração, muitos dos segredos envolvem a iniciação sexual de ambos os sexos. Os homens tentam omitir filhos que tiveram com outras mulheres e as mulheres o fato de não terem casado virgem, ou ainda, terem casado grávidas. Essas condutas omissas espalham-se como um conhecimento silenciado, guardado, engavetado, mas não arquivado, ele volta à tona quando os comportamentos dos filhos tendem imitar o dos pais. Neste confronto de gerações, os mais remotos segredos voltam revestidos de comentários sobre a repetição de um deslize.

A fofoca, na verdade, dá conta de manter os padrões sociais de homens e mulheres nos contextos familiares. Para Sarti¹⁶⁵ os papéis são definidos nos espaços de atuação de cada gênero dentro da família. Já para Fonseca,¹⁶⁶ a fofoca reproduz e faz circular a noção de reputação, noticiando os fatos ao mesmo tempo em que cobra o enquadramento nos moldes da sociedade ou do grupo social em que se convive.

Não vejo a fofoca como um atributo feminino, no entanto, o fato de estar, naquele momento, mais próxima delas foi por onde obtive a maioria das informações. Porém, a partir da observação dos jovens da terceira geração foi possível perceber que os homens também possuem um sistema de informação, tanto sobre outros homens, quanto sobre as mulheres de sua geração, utilizado para saber sobre pretendentes em potencial¹⁶⁷.

A fofoca não é algo que se dirige diretamente, mas converte-se na responsável pela imagem da reputação de homens e mulheres podendo valorizar e depreciar o passe dos pretendentes. Por mais que a fofoca alcance uma extensa rede não é capaz, neste

costume na sociedade selvagem. Brasília: Universidade Federal de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

¹⁶⁴ ELIAS, op.cit e FONSECA, 2004, op.cit.

¹⁶⁵ SARTI, op.cit.

¹⁶⁶ FONSECA, 2004, op. cit. p. 47

¹⁶⁷ Tanto quanto Elias e Fonseca, Malinowsk percebe a fofoca como atributo feminino. MALINOWISK, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

meio, de criar rivalidade entre famílias, haja vista que as notícias circulam de forma múltipla e, quase sempre, não são de conhecimento da pessoa que é alvo da fofoca.

No entanto, “é uma força niveladora, “um instrumento dos que se sentem inferiores e que só podem realçar seu *status* rebaixando os outros”. Sendo assim, ela funciona como um código alternativo de comportamento, um código moral, de interação social que adota dinâmicas para garantir seu sentido¹⁶⁸.

3.2. Rapadura com açaí: pensando as gerações

O desenvolvimento de trabalhos voltados ao tema da imigração/migração tem atentado a percebê-las não somente como um fato social que cria um movimento dinâmico e constante entre origem e destino, mas também, como fatos que criam enraizamento nos lugares de acolhida e, conseqüentemente, a expansão da permanência de sujeitos sociais a partir de gerações posteriores¹⁶⁹.

Tratar do tema de gerações entre os *cearenses* surge da necessidade de perceber a forma que estes sujeitos articulavam valores relacionados à identidade, à família e ao casamento com o passar do tempo. Na verdade, pensar o desenvolvimento deste tópico surgiu de minha experiência ao tentar analisar como as gerações circulavam tais valores, ou melhor, como eles estavam inscritos nas vivências destas pessoas, além, dos conflitos e diferenças surgidos da interação geracional.

A categoria geração se constrói em oposição à medida que estudar ou pesquisar gerações, ainda que se escolha como objeto central uma geração ou categoria geracional, se apresenta insuficiente à perspectiva sem a referência às relações com as outras gerações e às condições sociais em que elas estão se dando. As gerações, como as classes sociais, não se encontram isoladamente, mas em referência mútua, contraposição

¹⁶⁸ FONSECA, 2004, p.50-51.

¹⁶⁹ Representando tais preocupações estão presentes nos textos de JARDIM, Denise Fagundes. “Identidade étnica e recriação das tradições entre os migrantes de origem palestina no extremo sul do Brasil”. *Campos* 2, 2002; VITAR, op. cit e MACHADO, Fernando Luís. MATIAS, Ana Raquel. *Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica*. In: <http://loki.iscte.pt:8080/dspace/handle/10071/176?mode=full>

e até oposição umas às outras: uma geração é, ou torna-se, aquilo que o jogo de relações com as outras permite¹⁷⁰.

Para tal propósito os interlocutores foram divididos em três gerações a partir do processo migratório. Assim sendo, a primeira geração se formaria pelos próprios migrantes vindos do Ceará entre os anos de 1951 e 1958; a segunda geração compreende os filhos desses migrantes nascidos ou não no Ceará, mas são frutos deste processo de deslocamento; por fim, a terceira geração consiste nos filhos dos filhos dos primeiros migrantes nascidos no Estado, ou seja, netos da primeira geração.

Vale ressaltar que, neste caso, pensar geração não consiste em estabelecer critérios de idade, mas perceber troca de experiências e afinidades que constituem escalas geracionais a partir do processo migratório. Neste sentido, importa entender que os indivíduos que vivenciam a mesma contemporaneidade experimentam as mesmas experiências culturais que os moldam, decorrente, portanto, de sua situação político-social. São, desta forma, pertencentes a uma mesma geração porque suas influências são unitárias. A contemporaneidade atesta a disseminação de influências similares¹⁷¹.

Faz-se necessário aclarar que as gerações, por ora tratadas, não são percebidas como estamentos, mas como experiências, ou seja, um conjunto de experiências vividas que une pessoas em suas relações sociais. Desta maneira, há de se levar em consideração que o movimento de entrada em patamares geracionais depende, muito mais, da aquisição de uma maturidade do que da classificação etária¹⁷².

Nesse sentido, além de pensar a geração a partir do ponto de origem, ou seja, em decorrência do processo migratório, é preciso pensar, também, no aspecto que a interação geracional assume no meio das relações familiares, neste momento, há de considerar o conceito de geração de forma ainda mais elástica¹⁷³.

¹⁷⁰ BRITO DA MOTTA, Alda. *O par relutante*. Trabalho apresentado nº13 CISO: Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste em Maceió, 3 a 6 de setembro, 2007. Cd ROM.

¹⁷¹ MANNHEIN, Karl. *El problema de las generaciones*. In: http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS_071_072_07.pdf

¹⁷² DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.

¹⁷³ Idem

Ao tratar, neste trabalho, sobre família e casamento, ou melhor, sobre como valores relacionados a estas questões permanecem no grupo mesmo que um processo de fixação na cidade já se encontre estabelecido, fez com que me sentisse impelida a mirar os detalhes de fotografias borradas pelo tempo, ou mesmo pelas relações, e atentar para as dinâmicas que obedeciam à lógica do casamento e da hierarquia familiar.

Assim, foi necessário pensar geração a partir de dois sentidos. De um lado relacionada e ativada pelo processo migratório responsável por conectar valores e englobar as pessoas em processos históricos comuns, ou melhor, estar mais próximo ou mais distante de um dado acontecimento; por outro lado, pertencer a uma geração está relacionado a viver/estar em uma condição, ou seja, compartilhar determinadas experiências relacionadas ao casamento e constituição de unidade familiar. Neste último sentido, o que se torna pertinente consiste em vivenciar uma experiência e, desta forma, acaba por unir pessoas de diferentes gerações.

Partindo do processo migratório pode-se entender a primeira geração como aqueles que a partir do deslocamento possuíam ou formaram unidades domésticas. Neste grupo, estão casais que vieram com filhos - como Dona Margarida e Dona Tereza – ou homens solteiros que casaram ao longo do processo de sua fixação na cidade, caso de Seu Antonio e Seu Damião¹⁷⁴.

“Eu vim trabalhar, vim solteiro, quando consegui algum trocado fui no Ceará para casar. Ela era moça de família, não estudava e ficava em casa ... Casei e nós viemo pra cá, porque aqui eu já tinha meus negócio”¹⁷⁵.

A decisão de migrar aparece, nesta geração, como uma vontade masculina. As mulheres figuraram como acompanhantes de seus conjugues¹⁷⁶. O trabalho no comércio é característico para os homens, com o início da atividade de mascate. A maioria das narrativas mostra difíceis condições de vida, número elevado de filhos e, por parte das

¹⁷⁴ JARDIM, 2009, op.cit.

¹⁷⁵ Seu Antônio, anotações de campo em 26/08/2007.

¹⁷⁶ Visão da migração como uma experiência masculina é criticada por Barral, segundo ela, os estudos tem privilegiado o processo migratório como uma experiência de homens, em geral solteiros, a presença feminina quando aparece está relacionada a uma decisão do marido. BARRAL. Ana Inés Mallimaci. “Nuevas miradas. Aportes de la perspectiva de género al estudio de los fenómenos migratorios. In: COHEN, Nestor y MERA, Carolina (comp). *Relaciones interculturales: experiencias y representación social de los migrantes*. Buenos Aires: EA, s/d. pp. 115-138

mulheres, histórias atreladas à perda deles. Desta geração pertencem narrativas da migração, o domínio da memória sobre a chegada do grupo ou o que pode figurar como memória coletiva.

Para esta geração, o casamento era considerado a finalidade única, quem veio solteiro, logo providenciou casar. As relações entre as famílias garantiam os espaços de sociabilidade para as mulheres. As narrativas de fixação envolvem um fortalecimento dos laços familiares que englobam parentes tanto em Santarém, quanto no Ceará. As mulheres são donas de casa, o trabalho fora é exclusividade dos homens e o controle do orçamento doméstico também. Família e conterraneidade se misturam, embora tenham domínio das árvores de parentesco.

Já a segunda geração compostas pelos filhos de migrantes, uns vieram com pouca idade durante a migração e outros nasceram na cidade, cresceu em meio à diferenciação com os *paraenses*. Por isso, apresenta em suas narrativas uma segregação de espaços de sociabilidade. O casamento também é um fim, porém, não se discute a possibilidade do casamento fora da homogamia. O trabalho é comum para homens e mulheres. A partir desta geração, as mulheres passam a trabalhar fora do ambiente doméstico, isso ocorre muito em função da necessidade de ajudar no sustento da casa tanto antes, quanto depois do casamento. A busca por novas oportunidades de trabalho, ou mesmo de possuir seu próprio negócio, movimenta esta geração.

“Depois de uns anos de casado nós fomos para Castanhal, trabalhar com o irmão dele”¹⁷⁷.

“Morei em Itaituba, no garimpo e em Bragança, tudo por causa de trabalho”¹⁷⁸.

“Nós já moramos em outros lugares para tentar a vida, sem contar as mudanças de bairro. Basta aparecer a oportunidade que nós estamos lá”¹⁷⁹.

Na maior parte dos casos o casamento implica uma migração em busca de novas oportunidades de trabalho, mas também, requer o retorno para Santarém. Na escolaridade possuem, quando muito, o nível médio. No entanto, empenham-se na

¹⁷⁷ Entrevista com Júlia em 12/07/2007.

¹⁷⁸ Entrevista com Ana em 02/08/2008.

¹⁷⁹ Entrevista com João em 08/07/2007.

formação superior dos filhos. Para esta geração, o casamento exige que as relações sociais e de sociabilidade se restrinjam a família. Percebem diferença entre a *família cearense* e a *família paraense*, atribuem isso a educação recebida, tal diferenciação estaria no processo de educação de homens e mulheres e nos valores que representam. Este processo pedagógico seria responsável pelo “êxito” das relações conjugais garantindo identidade ao grupo.

Tanto homens, quanto mulheres trabalham no comércio. Em geral, cada qual possui sua loja. Educam ou educaram seus filhos na diferença entre os *paraenses* e *cearenses*, mas buscam a integração deles na sociedade.

Na terceira geração o conflito de identidade aparece evidente, pois, entendem a existência dele, as bases de sua diferença, mas buscam mecanismos para acioná-lo. Nesta geração prevalecem o sentimento de pertencimento a uma cidade – Santarém -, porém, a identificação com o grupo – *cearense*¹⁸⁰. A busca pela formação em nível superior faz parte da diferenciação geracional, em muitos casos, esses são os primeiros membros da família a ingressarem em uma universidade para conseguir a titulação dada pela educação superior.

A relação dos pais com filhos na escalada pela formação superior cresce reforçada pela ideia deles fincarem os pés como profissionais liberais¹⁸¹, obrigando alguns a saírem da cidade, buscando vagas nas universidades de outros centros urbanos - como Belém, Manaus, Fortaleza ou São Paulo. Beatriz Vitar ao estudar imigrantes árabes na Argentina mostra que a relação entre as gerações pode ser percebida a partir do processo de ascensão socioeconômica dos mesmos. Segundo a autora, a fixação no país de acolhida somada a ascensão econômica torna a educação como objetivo final. Assim, a percepção de que o processo de estabilização deles mostra a escolaridade como um processo crescente¹⁸².

¹⁸⁰ Processos de identificação são discutidos por HALL, 2003, op.cit e RODRIGUES, 2008, op.cit.

¹⁸¹ O trabalho empreendido por migrantes para garantir que seus filhos alcancem formação superior foi discutido por Tuzzi e Cancela mostra que a educação em nível superior tornou-se um importante capital para as negociações de casamento. Cf: TRUZZI, 1992, op. cit; CANCELA, 2006, op.cit.

¹⁸² VITAR, op. cit, p. 139

No caso dos *cearenses* de terceira geração a saída de Santarém - quando saem, posto que também há opção de cursar a universidade nas instituições de nível superior existentes no município - para concluir estudos de nível superior ou pós-graduação é acompanhada pelo retorno, muitas vezes, para trabalhar na região. Embora as conquistas do tipo sejam crescentes entre os que compõem esta geração, elas não significam o ingresso no mercado de trabalho a partir de profissões liberais. Crescem os casos de pessoas que mesmo formadas – advogados, professores, enfermeiras, fisioterapeutas – a única fonte de renda encontra-se na criação de um estabelecimento comercial.

Larissa e Renan são exemplos desta parte da terceira geração que mesmo com o nível superior, ela no último semestre administração e ele em direito concluído, fizeram a opção de montar seu negócio, recém-inaugurado: uma loja de confecções populares. Ele explica,

“Fiz isso minha vida toda [vender produtos], meu avô tinha comércio, meu pai também tinha. Eu sei que a faculdade é importante, mas isso é o que sei fazer, é o que gosto de fazer”¹⁸³.

O fato de a terceira geração pertencer à cidade, embora se reconheça com uma identidade própria, tornou-a uma geração integradora. Circula tanto entre o grupo, quanto fora dele, possuindo um sentimento pluralista. Assim, o orgulho pelas raízes étnicas manifestado pelos netos de imigrantes, se apresenta como um fenômeno da valorização positiva da identidade do grupo. Segundo Vitar, a partir desta geração podemos falar de uma “etnicidade herdada”, cujos conteúdos referem-se a valores incorporados a ideia de uma origem comum que cria a diferenciação, no entanto, não impossibilita a circulação na sociedade¹⁸⁴.

Mas a diferença entre os pais migrantes e os seus filhos não é apenas a da relação com o local de origem e eventual regresso a ele. As maiores diferenças estão na relação de uns e outros com o local de acolhimento. São diferenças de trajeto e socialização. Os filhos nascem e/ou crescem nesta cidade e por via de outros espaços de socialização, das sociabilidades infantis e juvenis, dos consumos materiais e culturais,

¹⁸³ Entrevista com Renan em 02/08/2008.

¹⁸⁴ VITAR, op. cit, p. 139

dos padrões de valores e dos estilos de vida, têm experiências sociais e expectativas muito diferentes das dos pais, que tiveram a sua socialização primária e várias socializações secundárias no contexto da sociedade de origem. É claro que não se podem ver apenas os contrastes de socialização e experiência social.

Mas, mesmo essas ligações, cuja intensidade varia de população para população, não são ligações diretas à chamada cultura de origem, mas sim a versão transformada desta cultura, consequência da adaptação progressiva ao contexto migratório, que torna os próprios migrantes diferentes do que eram antes de migrarem. Secundariamente, as noções de “segunda geração de migrantes” ou “migrantes de segunda geração” podem ser criticadas por transportarem consigo um entendimento pouco criterioso do conceito de geração. É certo que entre os imigrantes e os seus filhos, tal como entre quaisquer jovens e os respectivos pais e mães, há descontinuidades intergeracionais de cultura e relações sociais.

Ao determinar como metodologia de trabalho a interlocução com *cearenses* de três gerações distintas, julgava que, de certa forma, a classificação geracional a partir da origem seria responsável por acionar os ganchos de semelhanças e diferenças entre as gerações. Todavia, as conversas, participações em eventos familiares, a observação de todo o contexto e da minha própria condição na pesquisa para os interlocutores me obrigou a atentar ao fato que, ao se tratar de casamento e relações familiares, os interlocutores negociavam suas relações a partir da experiência do casamento, criando uma hierarquia outra onde as opiniões de membros de gerações anteriores, conforme pensadas anteriormente, se diferiam e se aproximavam a partir da posição ocupada na estrutura familiar.

Tomo agora como ponto de partida não mais a origem, mas a posição que as pessoas podem ocupar no contexto familiar e que podem ser percebidas de diferentes maneiras. Em geral, as unidades familiares giram em torno da casa dos genitores (matriarcas ou patriarcas quando viúvos), neste sentido, todos os membros da família passam necessariamente por lá, a ausência de um representante direto da migração pode ser substituído pelo filho (ou filha) mais velho que passa a guardar a responsabilidade de agregar os membros da família em torno da casa da mãe ou do pai. Além disso, nele está a autoridade para gerir os “problemas familiares”. O filho mais velho tem um papel

importante neste contexto, como a grande parte dos informantes são viúvos ou viúvas, eles passam a representar a figura masculina mais importante, nada deve ser feito antes de consultá-los.

Dona Tereza, 78 anos, viúva há vinte e dois a época da pesquisa, divide a responsabilidade de gerir a família com o filho Francisco. Após a morte do pai Francisco, já casado, assumiu a responsabilidade do sustento da casa de sua mãe e do encaminhamento da família. A presença de Francisco é emblemática nas reuniões familiares, nada se faz sem que antes ele esteja presente. As experiências de Francisco se aproximam mais da mãe que dos irmãos. Como afirma Dona Tereza,

“Ele é meu esteio, posso contar com ele para tudo que eu precisar, os outros [filhos] sabem disso, ninguém faz nada sem consultar ele antes... o Francisco já passou por dificuldade na vida, já morou em outros canto, como eu e o pai dele, por isso tem experiência para lidar com a família”¹⁸⁵.

Dona Tereza aproxima a experiência do filho a sua porque o reconhece no mesmo estágio que o seu: a ausência do marido. O que possibilitou ao filho que se aproximasse sua experiência às experiências paternas, colocando-o em outra escala das relações sociais. Assim, Francisco mesmo membro da segunda geração, aproxima suas opiniões as da primeira geração, tentando, a partir de sua narrativa, aproximar temporalidade.

“Acho importante casar com cearense sim, porque a gente já tem um conhecimento da família da pessoa, já sabe... Eu sofri muito para manter minha família, por isso sempre quis saber com eles [os irmãos e irmãs] estavam namorando, *naquele tempo* a gente tinha mais cuidado”¹⁸⁶. (grifo meu)

“*No meu tempo* a gente conhecia as famílias e sabia que tudo tava em casa, na família”¹⁸⁷. (grifo meu)

Para Myriam Lins de Barros¹⁸⁸ as idades deixam de ser entendidas como referência cronológica para a inserção do indivíduo e passam a ser compreendidas, na

¹⁸⁵ Entrevista com Dona Tereza em 15/07/2008.

¹⁸⁶ Entrevista com Dona Tereza em 15/07/2008.

¹⁸⁷ Entrevista com Francisco em 25/07/2008.

¹⁸⁸ LINS DE BARROS, Myriam. (org.) *Família e Gerações*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

contemporaneidade, como estilos de vida adotados definindo fronteiras entre indivíduos. Assim, o estágio de maturidade que possibilita a adesão às gerações, é, portanto, diferente da data de nascimento ou mesmo ao patamar ocupado na rede família. A troca de experiências comuns e o reconhecimento de sua semelhança autorizam as pessoas a mover-se segundo estágio de maturidade¹⁸⁹. Assim, a temporalidade e o reconhecimento de experiências comuns são percebidos pela forma como tratam o “seu tempo” marcando com a diferença das coisas pretéritas em relação à pretensa modernidade do presente¹⁹⁰.

Fora esta distribuição, os outros membros são recolocados em casados – com e sem filhos – e solteiros. Esta última distribuição tem como objetivo não uma classificação etária, mas de condição de experiência social e inserção em novos espaços de sociabilidade e conversa. Embora reconheça que ocorra diversidade, este desenho passa a desenhar opiniões que aproximam gerações. Neste contexto, as opiniões sobre casamento, homogamia e família circulam.

Nesta perspectiva é possível compreender que no agrupamento reside a possibilidade de compreender como o casamento é responsável pelo alocamento de pessoas. Bia, 18 anos e recém-casada, parece estar se habituando a esta mudança de status na estrutura familiar,

“Quero estar com as meninas [suas primas], mas a mamãe vive me chamando para estar com as tias”¹⁹¹.

O casamento funciona como divisor de águas, posto que proporciona e restringe o acesso às conversas, aos espaços de sociabilidade. Ao mesmo tempo, exige a iniciação em novas normas de comportamento diante do grupo. Cancela mostra que o casamento marca a mudança de status, mas “igualmente significava perda e mudança, não apenas de *status* social, mas também de lugar, de relações de amizade e lembranças”¹⁹².

¹⁸⁹ Debert, op.cit, p.46

¹⁹⁰ BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velho*. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1987.

¹⁹¹ Anotações de campo em 28/01/2009.

¹⁹² CANCELA, Cristina Donza. “Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920)”. In: *cadernos pagu* (30), janeiro-junho de 2008:301-328.

Neste sentido, quem não mudou de *status* vive a margem deste processo de socialização, foi este o problema que encontrei ao estudar as relações de casamento, visto que desejava adentrar em assuntos que pelo grupo não me eram permitidos. Este divisor de águas delimita e determina a relação entre gerações tanto para homens, quanto para mulheres.

Vale ressaltar, que embora não tenha sido o foco da pesquisa, existe um considerável número de pessoas que não se enquadram na perspectiva do grupo. Trato aqui do caso, em especial, das mulheres de segunda geração que não casaram - as “moças velhas”. Por mais que a idade permita a interação com as mulheres mais velhas, o fato de não terem casado as obriga a ficar no nível das jovens solteiras, quando, muito podem participar das conversas relacionadas aos filhos, já que grande parte delas passou a ser responsável pelo cuidado com o(s) sobrinho(s)¹⁹³.

Todavia, mesmo essas re-classificações, não eliminam as diferenças geracionais que se embatem em um jogo de diferenças e identificação complementares. Por um lado, os pais da segunda geração questionam a autenticidade da identidade dos filhos

“É! Eles são cearenses, mas são mais paraenses porque comem tacacá, açai... Viveram aqui o tempo todo.”¹⁹⁴

Por outro lado, a terceira geração aciona mecanismos de identidade que justifiquem seu reconhecimento

“Nasci no Pará, mas sou mesmo é cearense porque o nosso jeito é diferente, quem é paraense não faz o que eu faço, nem gosta do que eu gosto, por exemplo, o jeito que a gente é em família... somos muito unidos.”¹⁹⁵

No entanto, este conflito de opiniões não elimina a necessidade de fazer circular a memória da migração, os valores positivados pelo grupo que são atribuídos aos membros de primeira geração e através deles passam a ser visualizados.

¹⁹³ Outro tema bastante complicado dentro do grupo é a homossexualidade, nestes casos, os comentários surgem em tons pejorativos e de fofoca depreciativa. Pude perceber que, nestes casos, muitas pessoas passaram a viver fora da cidade.

¹⁹⁴ Entrevista com João em 08/07/2007.

¹⁹⁵ Entrevista com Larissa em 02/08/2008.

A ideia de uma memória que circula, de valores que se estabelecem e interagem com as gerações somente pode ser percebida ao analisar o fato de que as narrativas empreendidas por todos estes indivíduos são parte de uma dimensão da memória e, esta por sua vez, é capaz de dar ao indivíduo o seu lugar na sociedade. Fazer com que a terceira geração tenha e cultive todo o sentido de ser *cearense* dá a esta autoidentificação, um sentido de um legado, de um valor incorporado. Para Rodrigues, este processo envolve, “um sentimento de pertencimento, de fazer parte de uma história, que, uma vez criada, tal como aparece no mito de origem, é contada e recontada através de múltiplos discursos produzidos dentro e fora através dos quais os membros se constroem como sujeitos participantes.”¹⁹⁶

¹⁹⁶ Rodrigues, op. cit. pp. 192-193

Considerações finais

Menos do que sugerir conclusões, este trabalho se propôs trazer à luz reflexões acerca das relações familiares e de casamento entre um grupo de pessoas percebido por seu tempo e espaço. Ou seja, o grupo originado do processo migratório de cearenses para a cidade de Santarém, ocorrido na década de 50. Por isso, torna-se necessário problematizar a categoria migrante e mostrar sua reconstrução e ressignificação para os *cearenses*. Atentar aos aspectos que fazem pessoas definir sua identidade e produzir diferenciações somente pode ser entendido diante da análise do aspecto conflitivo da relação e interação entre grupos - nesse caso *cearenses* e *paraenses*. Desta forma, tratar de identidade(s) requer a percepção de valores que são exaltados, produzidos, reconhecidos, rechaçados, depreciados e transmitidos no embate entre etnicidade(s) produzidas cotidianamente.

A percepção que migrantes *cearenses* e as suas gerações posteriores fazem do processo de deslocamento, mostra que a experiência faz parte da memória produzida pelo grupo. Esta memória circulante, por sua vez, aliada as vivências da fixação na cidade tornou estes sujeitos e suas histórias produtores de uma identidade baseada nas vivências do grupo.

Assim, não posso desconsiderar que as múltiplas narrativas do deslocamento estão atreladas a um conjunto de redes sociais cujo fim último pretende as conexões de parentesco, fazendo com que o lugar de destino seja percebido a partir do movimento das redes sociais. Além disso, as narrativas do deslocamento são construídas pela lógica do *sofrimento* compensado no êxito atual, que permeiam as gerações e constroem pontes que se possam transitar e estas pontes unem lugares e pessoas.

O tema da diferenciação entre “estabelecidos/*paraenses*” e “outsiders/*cearenses*”¹⁹⁷ permite entender a força que possui a origem usada em jogos identitários, cujo esforço reside no reconhecimento do laço de parentesco. Neste contexto, a referência valorada e positivada família, em seu sentido extenso, consiste em

¹⁹⁷ Elias, op. cit.

um fator não apenas de diferenciação, pois guarda, também, a responsabilidade de estabelecer o status e articular redes sociais no grupo.

Pensando as considerações de Hall¹⁹⁸ é possível entender como identidades são construídas dentro e não fora do discurso. Precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e se estabelecem como o produto da marcação da diferença.

Associado, vinculado ao processo indetitário encontra-se a compreensão ao sentido de família, que passa, necessariamente, pela definição de uma família extensa articulada em função dos laços de solidariedade sobre o domínio dos mais velhos. O sentido de família somente pode ser compreendido como valor a partir do momento que se tem a percepção que ela está vinculada aos benefícios dentro da rede de solidariedade. Assim, a procura de identificação nas árvores genealógicas é responsável pela possibilidade de conseguir acesso aos espaços no grupo ou através dele.

Ao mesmo tempo em que o sentido de família agrega pode, também, excluir pessoas à medida que essas relações não se encaixem nas construções sociais do grupo. Todavia, ser reconhecido como membro da família é garantir aquisição de credenciais necessárias para estabelecer relações. O imperativo moral configura relevante requisito para agregar pessoas à família, é preciso ajudar para receber ajuda, fazer parte da rede.

Por esta razão, o sentido de família como uma rede extensa de relações, anexa às unidades familiares surgidas de novos casamentos no seio da família, é compatível com a posição social de camadas médias de grande parte dos interlocutores. Esta posição social aparece ligada a história da família e as conquistas de bens que têm como reflexo a crescente escolarização empreendida pela terceira geração com apoio dos pais. Embora a conquista do nível superior seja crescentemente acompanhada pela decisão de manter a identidade laboral, surgida e negociada no seio das relações familiares, ela aparece mais como um valor a ser negociado no mercado do casamento. Ao mesmo tempo em que valoriza a negociação e o pertencimento a rede de relações familiares.

¹⁹⁸ HALL, 2000, op.cit.

Desta lógica surge a preferência por casamentos homogâmicos, que articulam um jogo de interesses tanto entre os pretendentes quanto entre família, a qual articula a união do jovem casal. O casamento também é responsável pela transição de status no contexto familiar, aproximando gerações pelas experiências e não por composição etária.

A homogamia aparece como consolidada no meio, posto que a pessoa casa com alguém que lhe é semelhante. Mesmo que esse casamento ocorra com pessoas fora do grupo, obrigando estes a partilhar valores do grupo e subjugarem-se aos seus olhares, seus comentários e suas sanções, especialmente, nos lugares de sociabilidade. As sociabilidades geradas pelas redes de amizade e parentesco são espaços propícios para a escolha dos pretendentes, pois garantem a ele as referências sobre as credenciais da futura namorada/esposa, e, a ela, as informações necessárias para que a família aprove o relacionamento. É uma rede articulada que consegue dar conta de informações sobre as gerações de uma mesma família, buscando informações nos ascendentes, para traçar perfil de caráter sobre as famílias e seus descendentes.

O sentido que se faz de família e casamento homogâmico, bem como os mecanismos que surgem para acioná-los, ou justificá-los, só pode ser compreendido quando se entende que a identidade de grupo agrega perfis determinados para homens – o trabalho, a poupança, o cuidado com a família – e para as mulheres – o recato, cuidado com os filhos e com o marido. Desta forma, a mediação entre o que se faz e que se deixa de fazer é vigiado e perseguido pela rede de informações e de informantes que percorre os espaços de sociabilidade. A fofoca media relações desiguais e estipula valores no mercado dos pretendentes atingindo tanto pessoas, quanto famílias.

Todavia, prevalece nessas considerações o fato que a fixação na cidade e a continuidade das gerações não eliminaram o sentido de pertencimento à identidade de grupo, ao contrário, ela passa por um processo de valoração e ressignificação que, em passos lentos, está sendo moldado pela terceira geração.

Assim, é pertinente ressaltar que este trabalho pretendeu um olhar e, por isso mesmo, constitui uma visão particular a respeito dos *cearenses* em Santarém. A visão

de quem está dentro, cujas experiências partiram da mesma compreensão de grupo, que reconhece e aciona sua identidade, mas também, percebe-a múltipla.

Este olhar, em certo, foi guiado pelo fato de pertencer ao grupo, de saber o que significa uma família extensa, de conviver com uma, de ver em muitos dos interlocutores as experiências com as quais vivenciei, com as quais cresci e aprendi a valorizá-las. Neste sentido, as análises aqui presentes passam por este filtro, o filtro de quem reconhece o sentido da identidade e o momento de acioná-la.

Bibliografia

AGUIAR, Keila de Sousa. *Trabalho, família e habitação: cotidiano dos migrantes nordestinos na capital paraense (1898-1908)*. Belém: Monografia de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal do Pará, 2001.

ARIÈS, Philipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC. s/d.

BATH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998, pp. 188-189.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Manaus: Editora Valer: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BHABHA, Homi, *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999, p. 22.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique: La terre et les stratégies matrimoniales*. Paris, Ed. de Minuit., 1980. Tradução preliminar.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velho*. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1987.

BRITO DA MOTTA, Alda. *O par relutante*. Trabalho apresentado nº13 CISO: Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste em Maceió, 3 a 6 de setembro, 2007.Cd rom.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CANCELA. Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém – 1870 – 1920)*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em História Econômica na Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *Casamento e famílias em uma capital amazônica: estrutura e valores (Belém, 1995-2006)*. 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Outubro de 2007.

_____. “Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920)”. In: *cadernos pagu* (30), janeiro-junho de 2008:301-328.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo, São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

CAPUANO, Adriana. O caminho sem volta – Classe social e etnicidade entre os brasileiros na Flórida. In: MARTES, Ana Cristina Braga. FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press. xiv+ 216, 2004.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

CORPES, Raimundo da Silva. *Migrantes e Imigrantes no Pará da virada do século (1898-1908)*. Belém: Monografia de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal do Pará, 2002.

CORRÊA, Marisa. Repensando a família patriarcal brasileira. In: *Colcha de retalhos: Estudos sobre a família no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 3ª Ed., 1994.

CUNHA, Maria Georgete Pessoa. *A imigração da família Aguiar*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de História da UFPA, 1994.

DAMATTA, R. *A Casa e a Rua - Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.

D'INCAO, Maria Ângela (org). *Amor e Família no Brasil*. SP: Contexto, 1989.

DUARTE, Luis Fernando Dias; GOMES, Edlaine Gomes. *Três Famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

DURHAM Eunice R. e outros. *A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Edit. Paz e Terra S/A, 2004.

ELIAS. Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FAZITO, Dimitri. "A configuração dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação". 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Outubro de 2007.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Memórias da infância na Amazônia. In: DEL PRIORE, Mary. *Histórias da criança no Brasil*. São Paulo contexto, 1999, pp.321-346.

FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2004.

_____. "Pais e Filhos na Família Popular". In: D'INCAO, Maria Ângela, (org). Amor e Família no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 1989, p. 95-128.

GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube sócia da Zona Norte do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GOODE, William J. *A Família*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.

HALWBACS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA. Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Brasília: Unesco, 2003.

_____. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª. Edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

HOGAN, Daniel Joseph. *Dinâmica demográfica da Amazônia recente*. Workshop Internacional Dinâmica populacional e mudança ambiental na Amazônia brasileira. Campinas, UNICAMP, outubro de 2007 (mimeo).

JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidades*. Chuí/RS. Tese de doutorado. Rio de Janeiro : UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, 2000.

_____. “Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduaneiras”. In: *Cadernos Pagu*. Dezembro de 2007, n. 29, pp. 193-225.

_____. “As mulheres voam com seus maridos”: a experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 31, jan-jun 2009, pp. 189-217.

LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearense no Pará: faces da sobrevivência (1889-1906)*. Tese de Doutorado defendida na Universidade de São Paulo, 2006.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

LINS DE BARROS, Myrian M. *Autoridade e Afeto – avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes*. Florianópolis: Editora da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.

LOURO, Guarcira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

MACHADO, Lia Zanotta. “Família e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil.” *Interface - comunicação, saúde e educação*. v.4, n.8, 2001. p 11-26.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. *Crime e costume na sociedade selvagem*. Brasília: Universidade Federal de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

MANNHEIN, Karl. *El problema de las generaciones*. In: http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS_071_072_07.pdf.

MARQUES, Ana Claudia; VILELA, Jorge Mattar. *O que se diz, o que se escreve: etnografia e trabalho de campo no sertão de Pernambuco*. In: Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v. 48, nº1, 2005, pp. 37- 74. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012005000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 set. 2009. doi: 10.1590/S0034-77012005000100002.

MARTIN, Emily. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

MAUSS, M. "Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas" e "As técnicas do corpo". In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MOTTA-MAUÉS, M^a Angélica. "Na 'casa da mãe' / na 'casa do pai'. Anotações de uma antropóloga & avó sobre a circulação de crianças". In: Revista de Antropologia, USP, São Paulo, 2004, V.47, N.2, p.428-452.

PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEIXOTO, Clarice Ehrls Peixoto, SINGLY, François de. CICCHELLI, Vincenzo. (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PETERS, Roberta. *Imigrantes Palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação da tradição a partir da festa e rituais de casamento*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social/PPGAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PINA-CABRAL, João de. *O homem na família: cinco ensaios de Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

PISCITELLI Adriana. *Jóias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

PORTELLI. Alessandro. “‘O momento de minha vida’: funções do tempo na história oral”. In: FENELON. Déa Ribeiro (etl all). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004, pp.296-313.

POLLAK, M. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, RJ, vol. 2, nº 3, 1989, p.3-15.

_____. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, RJ, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Sistemas africanos de parentesco e casamento*. Introdução. In: MELATTI, J. C., org. *Radcliffe-Brown: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1978, Col. Grandes Cientistas Sociais.

RIDLEY. Dominique. “Uma mão lava a outra, e as duas banhando o rosto”: Um estudo de redes de parentesco como uma solução estratégia dentro do contexto da migração. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 1979.

_____. “Mulheres na migração redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência”. In: *Encontros com a civilização brasileira*, nº 26, 1980.

RODRIGUES, Carmem Izabel .*Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção da identidade em espaço urbano*. Belém: Editra do Naea, 2008.

RODRIGUES, Núbia e CARDOSO, Carlos Alberto. Ideia de ‘sofrimento’ e representação cultural da doença na construção da pessoa. In: DUARTE, Luis Fernando Dias (org.) *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 1998.

SALEM, Tânia. *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igulitária*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. “Tensões entre gênero na classe popular: uma discussão com o paradigma holista”. In: *Revista MANA*. V. 12 (2), Rio de Janeiro, pp.419-447.

SAMARA, Eni Mesquita de. *A História da família brasileira* In: Revista Brasileira de História, n.17, 1889.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho*. São Paulo: Cortez, 2007.

SEGALEN, Martine. *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar, 1999.

SERRA, Márcia Milena Pivatto, Algumas considerações sobre circulação de crianças no Brasil e sua distribuição por regiões. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v. 20, n. 2, pp. 229-239.

SCOTT, Joan. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre: Vozes, v.16, n.12, 1990.

_____. “Igualdade *versus* diferenças” os usos da teoria pós-estruturalista. In: *Debate feminista, Cidadania e Feminismo*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1999, p. 206-242; Gender and the política of History. Nova York: Colúmbia University Press, 1988.

SILVA, Cristina Santos. *Famílias de Alfama: Dinâmicas de solidariedades familiares num bairro histórico de Lisboa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2001.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. “Contribuições metodológicas para a análise das migrações”. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. (orgs.). *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos: EDUSFCAR, 2005, pp. 53-86.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2006.

SIMMEL, Georg. *Simmel Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SOARES, Weber. A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In: MARTES, Ana Cristina Braga. FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SOUZA, César Augusto Martins de. Quando a “Santa Terezinha” é o ponto de encontro: sociabilidade, amor e família na paróquia do Jurunas, Belém - Pará. Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2002.

SOUZA, Itamar & MEDEIROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca: uma análise sócio-política das secas do Nordeste*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1983.

THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração*. In: Revista Brasileira de História, v.22, nº44, pp.341-64, 2002 Disponível em: www.scielo.com.br

TRPIN, Verónica. “Identidades en movimiento: familias chilenas em la fruticultura del Alto Valle de Rio Negro, Argentina” In: Cadernos Pagu. Dezembro de 2007, n. 29, pp. 227-255.

TRUZZI, Oswaldo. **Rumo a uma compreensão micro-analítica da migração sírio-libanesa ao Brasil**. In: JARDIM, Denise Fagundes. OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. *Os árabes e suas Américas*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, pp. 145-160.

_____. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Idesp/Ed. Sumaré, 1992.

VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: 1994.

VITAR, Beatriz. Inmigración, etnicidad y experiencias geracionales: El caso de los sírios e libaneses em Tucumán (Argentina). In: JARDIM, Denise Fagundes. OLIVEIRA, Marco Aurélio de. (org) *Os árabes e suas Américas*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008, pp.99-144.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade Amazônica: um estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p109.

WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. Unb, 1995.

WOORTMANN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.